

Francisco Cândido Xavier
Rubens Silvío Germinhasl Espíritos Diversos

Amor e Saudade



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

AMOR E SAUDADE

**FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER
Ditados por
Espíritos Diversos**

INDICE

AMOR E SAUDADE

Saudade E Amor
Adilson Gonzaga Pezzini
Alexandre Augusto Pandolfelli
Augusto César Netto
Cláudia Pinheiro Galasse
Neto
Liane Helena Aneas De Paula
Marcos Cezar Mayo
Mário Roberto Quirino Dos Santos
Moacyr Stella Junior
Osmar Totaro
Tania Mazzeo
Wladimir Cezar Ranieri

“SAUDADE E AMOR”

Ante as lembranças queridas dos entes amados que te precederam na Grande Transformação, é natural que as tuas orações, em auxílio a eles, surjam orvalhadas de lágrimas.

Entretanto, não permitas que a saudade se te faça desespero.

Recorda-os, efetuando por eles, o bem que desejariam fazer.

Imagina-lhes as mãos dentro das tuas e oferece algum apoio aos necessitados;

Lembra-lhes a presença amiga e visita um doente, qual se lhes estivesses atendendo à determinada solicitação:

Distribui sorrisos e palavras de amor com os irmãos algemados às rudes provas, como se os visses falando por teus lábios e atravessarás os dias de tristeza ou de angústia com a luz da esperança no coração, caminhando, em rumo certo, para o reencontro feliz com todos eles, nas bênçãos de Jesus, em plena imortalidade.

EMMANUEL

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

ADILSON GONZAGA PEZZINI

Nascimento: 21.09.1964

Desencarnação: 16.04.1982.

O Sr. Luiz Gonzaga Pezzini, em conversa, dissera-nos das noites mal dormidas, saudades em sim, busca inconsolável do rosto do filho, o seu sorriso de alegria, os trejeitos de jovem ágil, esperto, energia juvenil.

Adilson Gonzaga Pezzini, aproximando-se dos dezoito anos, vivia com todo ardor. A flor da juventude brotava em sua juvenilidade, fazendo-o crescer entre os que conviviam consigo no contrato diário de suas atribuições.

Ambicioso em seus objetivos; cursara com muita facilidade nos Colégios Nossa Senhora da Paz e Escola Estadual Presidente Roosevelt, o primeiro grau. No Colégio Sul Americano o segundo grau, iniciando logo depois no Objetivo, cursinho através do qual pretendia alcançar melhor condição para completar os sonhos futuros.

Estudou ativamente o inglês no English Center. Sonhava conhecer os Estados Unidos sem saber explicar sua simpatia àquele país. No Colégio Dante Alighieri estudou o italiano para aproveitar a viagem e visitar os parentes de seu pai na Itália. Os pais facilitaram-lhe a aquisição da passagem para completar seu desejo. Regressou entusiasmado, pedindo aos pais para fixar residência nos EUA a fim de fazer um curso de Energia Nuclear.

Em 16.04.1982, a fatalidade toma-lhe a dianteira e o leva de volta às Regiões Espirituais, onde iria criar novos planos, agora na sua vida de origem. Fora atropelado próximo ao Shopping Center Ibirapuera.

Os pais não se conformaram. Difícil foi aceitarem a situação. Criavam em si imagens, destruíam as possibilidades de reerguimento. O Sr. Luiz adoecera, perdera a vontade de viver. O único filho partira de maneira brusca, rapaz que tantas alegrias trouxera aos familiares. Não entendia a mudança radical que lhes acontecera.

D. Maria Domingas Pezzini, esposa e mãe de Adilson, preocupava-se muito, pois seu marido definhava. Rogara a Deus, algo pudesse acontecer que mudasse a situação angustiante que estavam passando. A luz se fez em seu caminho quando a família Mazzeo, compadecida, convida-os para uma viagem a Uberaba.

A Misericórdia Divina envia o socorro para esta família triste. Francisco Cândido Xavier em sua bênção mediúnica, recebe a carta do jovem. Relata com minudências os projetos que só os pais conheciam. Lembra na fase de sua recuperação os ensinamentos do pai que o ajudaram muito. O Sr. Luiz o alertara: "*em qualquer situação difícil que encontrasse na vida, nada o devia apavorar*".

Concita os pais a se motivarem no trabalho aos órfãos de mães espirituais que rogam auxílio aos filhos na Crista Terrena. Demonstra a falta de amparo a essas crianças. Premidos por esse alerta, o casal Pezzini dedica-se ao socorro às muitas casas de caridade, ora no trabalho manual, ora na assistência financeira, ora na confecção de roupas e agasalhos. Conquanto seus corações orvalhados pelas saudades, a saúde e a alegria são a tônica que torna a edificar o lar dos Pezzini, estruturado agora com base no trabalho de amor ao próximo.

Esclarecimentos necessários de pessoas ou Fatos constantes na mensagem.

PAIS.

Maria Domingas Pezzini E Luiz Gonzaga Pezzini

AVÓS

Mariana Custódia Trindade – materna
Nascida em 1888 – desencarnada em 1975.
Prudente Barbosa – materno
Ida Scatema – paterna
Desencarnada em 1963.

TIA

Oliva Rosa Martins
Fora em ajuda a Adilson quando internado no
Hospital Santa Paula, casa de socorro em São Paulo.

AMIGO

Paulo, amigo de Adilson no curso objetivo, estava
Em sua companhia no Shopping Center Ibirapuera.

(Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos, para melhor identificação por ocasião da leitura da mensagem do espírito. NOTA DA EDITORA).

MENSAGEM DE ADILSON GONZAGA PEZZINI

Querida Mãezinha e Papai Luiz:

Estou presente em companhia do meu avô Prudente Barbosa, que me trouxe, informando que os pais queridos esperavam informações a meu respeito.

Mãezinha querida e querido papai; compreendo que as nossas dificuldades não foram pequenas. Tantos sonhos se desfizeram de uma só vez, qual se fôssemos atingidos por uma bomba de destruição.

Lembro-me de tudo. Aquelas nossas esperanças de um diploma na Engenharia Nuclear, aqueles planos de volta aos Estados Unidos, a fim de aperfeiçoar-me nos estudos, tudo aquilo que eu desejaria ter sido para meu pai, no companheiro que ele sempre aguardou de minha presença e todos aqueles projetos de amor e família que eu e mamãe arquitetávamos, caíram de imprevisto, à frente de um carro em disparada.

Saíra com o Paulo e conversávamos sobre as nossas atividades no Objetivo, quando falei ao colega da necessidade de regresso a casa.

Preparei-me. Eu que tanto me preservava contra acidentes que chegavam a me preocupar especialmente com a mamãe, aconselhando-a a tornar-se mais atenta e vigilante quando nas vias públicas, acreditei que a Avenida estivesse com o movimento reduzido e quase ao tomar o ônibus para a nossa casa na Conde de Sazerdas, um carro bege se precipitou sobre mim.

Nada mais me ficou na memória, senão a cor do veículo, porque me senti cortado de vários modos com uma sensação de sofrimento impossível de descrever.

Escutei gritos, petições de socorro... Imaginei como seria reconfortante para eu voltar aos pais queridos, a fim de me tranquilizar. Achava-me consciente, no entanto, não mais controlava os meus impulsos.

Colocaram-me dentro de um veículo que suponho fosse uma ambulância, porque não dispunha de forças para verificar o que me ocorria. Escutei vozes, afirmando que seria conduzido a um Pronto-Socorro e nada podia opor ao que desejassem fazer de mim...

Lembrei-me da oração e recordei as preces da Mamãe Domingas, quando me acalentava de pequenino. Concentrei-me em Deus e lembrei as imagens de

Jesus que a Mãezinha me apresentava para que eu tivesse confiança no Céu, e confesso-lhes que chorei, não de revolta, mas porque a impossibilidade de voltar a casa era ali manifesta.

Passei de maca para outra maca, na qual me conduziram ao Hospital Santa Paula, segundo ouvia dizer em torno de mim. Pensei que Jesus estaria satisfeito com a minha conformação, lembrando os ensinamentos da Mamãe, em nosso recinto doméstico, e esperei, reconhecendo que continuava a perder sangue.

Mas de um médico me observava com bondade, iniciando tamponagens aqui e ali, quando vi que as paredes se transformavam...

O ambiente desaparecia, mas expressei em oração um pedido a Deus, no qual rogava não permitisse me retirar dali, enquanto não soubesse de meus pais perto de mim...

Uma força vigorosa me sustentava... Escutei um médico sensibilizado a dizer para outro que as minhas possibilidades de sobrevivência haviam terminado... Realmente, procurei movimentar as pálpebras e não consegui. Tentei levantar algum dedo das mãos, entretanto, isso também não me foi possível. Por alguns minutos estivesse assim, atirado a uma inércia que não sei definir, quando ouvi um tanto longe, a voz da Mamãe a chamar-me:

Meu filho, meu filho.

Bastou ouvir essas palavras e quero contar ao Papai Luiz que uma paz enorme veio a mim...

De pensamento firme na atenção, notei que uma névoa me envolvia todo o corpo. Não mais ouvi alguém e nem senti mais qualquer dor.

Do seio daquele lençol, fluído e movente e destacou um rosto com expressão de bondade e entendimento. Depois daquela face amiga, duas mãos me acariciaram e eu, então, dormi...

Só mais tarde vim, a saber, que o vovô Prudente me viera buscar para novo lugar de saúde, em que despertei, crendo que seria objeto de tratamento cirúrgico especial, num Instituto da Terra mesmo...

No entanto, com paciência e carinho, meu avô me apresentou as duas senhoras que me auxiliaram. Devia chamá-las por vovó Mariana Custódia e por Vovó Ida...

Porque ainda indagasse por esclarecimentos mais explicativos, o vovô, com um sorriso permanente, me deu a conta de minha situação. Perdera o corpo transitório e estava ali no corpo verdadeiro...

Devia conformar-me.

Qualquer impaciência de minha parte doeria em meus pais, aumentando-lhes a dor. Foi o momento em que me detive nas instruções de meu pai. Não devia apavorar-me em circunstância alguma. Nascera homem e na condição de homem deveria viver forte e em calma, fossem quais fossem os acontecimentos.

O meu tratamento de recuperação foi breve e, em companhia de vovó Mariana, pude regressar ao nosso ninho doméstico. Vi os pais queridos chorando, desolados...

Tudo tristeza onde reinaram tantas alegrias!

Quantos dias haviam decorrido até a data em que os revia?

Ainda não sei dizer...

Venho, porém, agora até aqui perder-lhes aceitação das Leis de Deus. Pai querido, a sua bondade não me perdeu. Estaremos mais juntos. E a Mamãe e a tia Olívia terão em mim um companheiro mais constante. Ainda estou em fase de transição, mas estou bem. Saudade é o único empecilho que me experimenta a capacidade de suportar...

Entretanto, rogo aos pais queridos não perderem a esperança e a alegria. Deus nos ofertará outros meios de agir e servir.

Mãezinha, recorde os filhos de outras mães que não puderam ficar na Terra. Eles são muitos. Sentem vontade de tomar refeições em horas certas e precisam se agasalhar.

Essas mães que vieram para cá igualmente não morreram e saberão ser agradecidas ao esforço que meus queridos pais consigam desenvolver, em favor de alguma criança desvalida.

Não precisam refletir em obras gigantes. Um menino que se veja amparado é uma viga de trabalho para o futuro. Digo isso, Mamãe porque não a desejamos chorando tanto...

Reconheço que a saudade nos obriga a chorar, mas espero que as nossas lágrimas incluam agradecimentos a Deus, porque se as Leis de Deus me afastaram do corpo, quando mais sonhávamos com o futuro, isso quer dizer que Deus nos enviou o melhor. Se não devia sair futuramente do Brasil, é porque isso talvez não fosse útil para nós.

Presentemente disponho de tempo e decisão para estarmos mais unidos, tanto quanto nos seja possível. Mãe querida e querido Papai Luiz, o tempo escorre de nossos dedos. Não devo tomar mais tempo, a fim de relatar-lhes pormenores que não interessam. Dei o meu recado. Falei de mim e pude abraça-los. Diz o Vovô Prudente que devo estar satisfeito. E estou, porque preciso aprender a ser calmo e útil.

Papai Luiz e querida Mãezinha, desejo que saibam da continuidade do meu amor e do meu carinho. Amo aos dois cada vez mais e como sempre, serei o traço de união a reuni-los comigo para sempre.

Não estou sabendo finalizar esta carta. Tenho o gosto de lágrimas na garganta. Creiam que é saudade, uma saudade muito grande dos pais que amo tanto, mas Deus tudo remediará e continuaremos a ser felizes.

Querido Papai Luiz e Querida Mãezinha, pedindo-lhes para que me abençoem; beija-lhes as mãos queridas, o filho que lhes pertence, Adilson.

ADILSON.

**

"Um menino que se veja amparado é uma viga de trabalho para o futuro".

ADILSON GONZAGA PEZZINI.

**

AGRADECIMENTOS

A dor nos faz compreender quanto ausente se esta de Deus, e foi por ela que procuramos o abençoado Francisco Cândido Xavier, que nos restituiu a confiança e a fé no futuro de nossas vidas.

Adilson continua conosco, sempre vivo.

O agradecimento da família

Pezzini.

**

Da Obra "AMOR E SAUDADE" –AUTORES: ESPÍRITOS DIVERSOS –
Psicografia: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/ Rubens Silvio Germinhasi
Digitado por: Lúcia Aydir.

ALEXANDRE AUGUSTO PANDOLFELLI

Nascimento: 08.06.1963

Desencarnação: 13.07.1982

“O mar visto da praia.

Como algo que parece que vai chegar logo, enquanto o Sol está nascendo.

Os primeiros quinze minutos do dia se passam e eu sozinho na praia resolvo esperar para entrar naquela água virgem de mim.

O Sol já ilumina o mundo que nesse momento parece ser só meu ””.

Começou a encantar seus pais com a idade de quatro meses. Surpresos, ouviam da boca dessa criança o balbuciar de palavras que os admiravam. Ale, assim conhecido no meio familiar ao aproximar-se o seu primeiro ano de vida, cantarolava aos familiares e amigos bela canção italiana, deixando perplexos a todos.

Suas qualidades desenvolviam-se na infância. Amante da música evidenciava seus dotes musicais, violão e piano. Os pais anteviam nessa criança que crescia, certa timidez no lar e extrovertido junto de amigos. Um filho feliz, sensibilidade aflorada em carinhos e amor.

De vida escolar inconstante. Ale por vezes dizia à mãe: Para que estudar se não passarei dos 18/19 anos. Previa o seu tempo de vida. Não se prendia nisso, queria viver, amar a natureza.

Conduzia a alegria como rota diretriz. Dos irmãos era o ídolo, pelo amor que os uniam. Elvira Carsola Pandolfelli e Jules Verne Pandolfelli, regozijavam-se, Ale, versátil, agilizava as esperanças, apressando o sentimento dos pais. Ali estava um filho que os fazia felizes.

Neste amor unificado. Deus os unira ainda mais. Sua vida originária o esperava e, sem saber-se como, sua passagem para a Vida Espiritual se fez só. Seu coração pára num estalo quando passeava distante de seus familiares em Caraguatatuba, cidade praiana no Estado de São Paulo, o que Ale explica em carta recebida pela mediunidade cristã de Francisco Cândido Xavier, em 03.02.1984 no Grupo Espírita da Prece, Uberaba/MG, Jules Verne Moreira Pandolfelli, antes católico, coroinha em sua infância religiosa, colaborador nas festividades para ajudar sua igreja diz que, em sua vida, apesar do que fazia, não sentia em seu coração a realidade de Jesus.

Depois do ocorrido, acompanhava a esposa às reuniões da Doutrina Espírita, apenas por companhia, sem nenhuma convicção. O primeiro contato com o filho através da mensagem, iluminou-se-lhe a visão. Dos contatos anteriores onde a esperança ainda não era realidade, quando não entendia nada do que se passara, desestimulado, começou a clarinar o alvor de nova vida, os receios de dois anos e meio de voltarem à casa de praia, hoje, passaram a ser estímulos, representam Ale vivendo, incentivando-os a prosseguir. O reencontro no roteiro de Deus um dia se fará, os anseios serão realidade. Deus estará presente.

Jules Verne e D. Elvira, apesar das saudades, vêem os dias com otimismo cristão, as mãos estendidas na colaboração humana, procurando na reunião familiar, com Silmara e Jules Verne, encontrar no espaço da saudade o trabalho do futuro espiritual que alivia e enobrece a alma que entende na dor a misericórdia de Deus.

***Esclarecimentos necessários de pessoas
ou fatos constantes na mensagem.***

PAIS:

Elvira Carsola Pandolfelli e Jules Verne Moreira Pandolfelli

IRMÃOS:

Silmara Cristina Pandolfelli e Jules Verne Pandolfelli

AVÓS:

Jacyra Moreira Pandolfelli – paterna – desencarnada em 03.01.1982.

Adolfo Moreira Franco – paterno – desencarnado em 1936.

Elvira, madrinha da avó materna Elvira Hernandez Carsola, lhe fora dado este nome em homenagem à madrinha citada na mensagem.

(Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos, para melhor identificação por ocasião da leitura da mensagem do espírito. NOTA DA EDITORA).

**MENSAGEM DE
ALEXANDRE AUGUSTO PANDOLFELLI**

Querido papai Jules,; associo a Mãezinha Elvira ao coração e peço-lhes me abençoem. Tenho seguido o seu caminho de saudades e de amor que ficou sendo igualmente o meu. Compreendo o impacto daquela retirada do meu corpo físico.

Hoje, tudo compreendo, gastei tempo para isso, porquanto não é fácil deixar o sonho da vida física, quando a gente está sonhando com muitas realizações, Sonho da vida física, para seu filho agora, é tudo o que constitui a paisagem da experiência humana, porquanto, mentores amigos me esclareceram de tal modo que entendo a realidade no reverso de todos os quadros da vida no mundo que deixei às pressas.

Quando alinho estas referências, não posso me gabar de qualquer pretensão, porque foi muito gota-a-gota que o conhecimento relativo das situações humanas me penetrou a cabeça. Primeiro; foi o pesadelo traçado em sofrimentos sem nome. Senti o coração parar no peito, ao modo de um motor que se apaga em plena marcha do carro. Quis reagir, recalcitrar, mas onde a energia para isso?

Minhas faculdades esmoreceram gradativamente e, por fim, o torpor no cérebro me venceu totalmente. Ainda assim, o fato não desapareceu de maneira assim tão rápida. Registrei o calor das mãos que me carregavam e uma esperança ainda me bailou na imaginação.

Estaria eu catalogado entre as vítimas da catalepsia?

Ouvira histórias várias de pessoas aparentemente mortas, que retornavam à vida. Poderia eu ser um deles. No entanto, a minha ilusão se desfez ao reconhecer que já não me achava pensando com a minha cabeça de rapaz afastada do conhecimento comum das coisas. Via meu próprio corpo e me espantei com semelhante dualidade.

Fora acomodado num leito duro, pois o necrotério não teve para mim a feição de qualquer ambiente em conexão com a morte. Aquela mesa, a meu ver, era um ponto de repouso diferente dos nossos em casa. O assombro, no entanto, me desorientava, porque não sentia qualquer dor, a não ser uma espécie de estalo surdo na caixa torácica. E em torno de mim, via pessoas e até mesmo conhecidos que não me

viam. Dirigia-me a um e outro dos presentes, solicitando que a sua presença e a presença da mamãe Elvira viessem ao meu encontro.

Desejava medicina em São Paulo.

Não desmerecia os recursos de Caraguá, entretanto, pensava que haveria méis na Capital, a fim de que meu corpo inerte se reativasse.

Ai de mim!

Os enganos do rapaz encontram ponto final mais depressa do que eu próprio desejara. Sem palavras para dominar a minha surpresa, a princípio claramente amedrontado; vi uma senhora e outra que me conheceram e me dirigiram a palavra: "Alex", disse uma delas, "você precisa descansar". De quem seria a frase? Da vovó Jacira.

Quis duvidar de mim mesmo, no entanto, a frase estava carregada de carinho e valera por hipnose irresistível. Quando a outra senhora que se nomeou por Elvira, a dizer-se amiga da minha avó, me abraçou, intensa emoção me tomou o íntimo e comecei a chorar, até mesmo ignorando por que, de vez que não me encontrava convencido quanto à desencarnação experimentada. E a minha comoção me abalou tanto que, a breves momentos, eu dormia, ali mesmo, naquele espaço frio em que diversas pessoas expressavam opiniões diferentes.

Agora, meu pai, você sabe como foi o começo de minha transformação. Do que se passou com o meu veículo inerte nada mais fiquei sabendo. A morte, ao que me parece, é cercada por leis de Compaixão Divina, porque me rendi a um sono providencial, qual se houvesse sorvido uma taça enorme de sedativos. Quando despertei; a palavra retornou à minha garganta e não a garganta me retornou a palavra, porque percebi que falar, através do novo corpo que passei a usufruir reclamava muito esforço.

Era eu um convalescente estranho sem haver experimentado moléstia alguma que me acusasse.

Mas fazer funcionar os meus novos órgãos de manifestação exigia muito trabalho. Principei balbuciando frases sem sons, qual se houvesse voltado a ser criança. Em breve tempo um amigo que se me deu a conhecer por vovô Adolfo me incentivou ao diálogo e aceitei o desafio, conquanto chorasse, porque a presença de pessoas tão querida, de que ouvira referências em casa, não me deixava qualquer ilusão. Já não pertencia à existência física e a evidência disso me amargurava o coração.

Queria ver os pais queridos, a Silmara e o nosso Jules, queria rever amigos e desfrutar de calma junto a todas as minudências que me representavam os hábitos, mas sabia instintivamente que isso não me seria possível. Papai; agradeço a Deus a oportunidade que me proporcionaram no sentido de falar-lhes destas notícias. Creia, daria tudo o que eu tivesse para ficar ao seu lado, de modo a formarmos juntos uma dupla animada em serviço, e a idéia de haver fracassado me abatia em todos os sentidos.

Foi meu avô quem me forneceu explicações e mais explicações e a lógica não me consentiam prosseguir com lágrimas quando necessitava de resolução para me adaptar ao novo meio e aprender a servir.

Agora que estou na escola da utilidade, buscando qualidades para ser o seu companheiro espiritual, posso dizer-lhe que as saudades ainda são muitas.

Pai, não abandone a nossa casinha perto do mar. A Silmara Cristina e o Jules, tanto quanto me sucedia, quererão convidar amigos para alguma estação de repouso, não deixe nossas músicas emudecidas, deixe que a alegria torne a morar em nosso recanto.

Querido pai, não acha você a mãezinha Elvira que já choramos o suficiente?

Não tenho dúvidas, estou vivo, mais acordado do que no tempo em que eu dormia no corpo pesado, e preciso de sua tranqüilidade e da sua força de pai e companheiro a fim de complementar a minha transfiguração.

Não permita que a tristeza lhe ensombre o espírito. Lembre-me alegre e feliz.

Não mentalize o meu quadro final na experiência que passou. Esteja certo de que viveremos e de que Deus só permite a perenidade da alegria.

Todas as sombras se desfazem.

Todo o sofrimento é passagem sem ser uma condição certa. Quero transmitir-lhe a certeza do que afirmo.

Estamos nós dois juntos, como em outro tempo, dentro daquela comunhão espiritual que sempre nos identificou um com o outro. Muito teria a dizer, mas o meu avô Adolfo é de parecer que eu já disse o que mais desejava.

Muito amor aos irmãos e muitas lembranças aos amigos.

Diga à Mãezinha Elvira que atravessei a ponte que separa as duas vidas – a vida da Terra e a vida espiritual, e beije-lhe a face querida por mim. E receba, querido pai e meu maravilhoso amigo, todo o coração do seu filho.

ALEX

**

"Hoje, tudo compreendo, gastei tempo para isso, porquanto não é fácil deixar o sonho da vida física, quando a gente está sonhando com muitas realizações. Sonho da vida física, para seu filho agora, é tudo o que constitui a paisagem da experiência humana, porquanto, mentores amigos me esclareceram de tal modo que entendo a realidade no reverso de todos os quadros da vida no mundo que deixei às pressas".

ALEXANDRE AUGUSTO PANDOLFELLI

**

AGRADECIMENTOS

Acreditar em Deus; viver uma vida comum na Terra; isto o fazemos, mas quando nos é arrancado parte de esperança em nossas vidas, nos desesperamos, e assim, recorremos ao auxílio da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, que nos restaurou a fé e o encontro da Paz.

Família Pandolfelli

São Paulo.

**

Da Obra "AMOR E SAUDADE" –AUTORES: ESPÍRITOS DIVERSOS –
Psicografia: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/ Rubens Silvio Germinhasi
Digitado por: Lúcia Aydir.

AUGUSTO CÉZAR NETTO

Nascimento: 27.09.1942

Desencarnação: 27.02.1968.

Augusto César Netto, Raul César e Yolanda César, uma trindade de amor e amparo aos semelhantes.

Augusto César, dos paramos espirituais, traz o reforço esclarecedor em suas palavras sentidas, sobre o Mestre Jesus, a impulsionar o refazimento íntimo, propiciam o desbancar do desânimo, da vaidade e do egoísmo, carregados no bagageiro das atitudes infelizes.

Exerce em apontamento, a liderança ainda jovem do saber cristão, aprendido com os Benfeitores Maiores. Por sua dedicação e esmero, por sua sede de saber, sua dignidade espiritual, e sua espontaneidade granjeou-lhes a simpatia.

Augusto César ainda, se faz criança e, respeitosamente, assume em proporções de carinho um palavrear modesto e sábio, amável e inteligente no incentivo às realizações que sua mãe se propôs a cumprir, no atendimento às almas carenciadas do amor cristão.

Augusto César ainda; projeta-se como o menino que vê em seu pai, o benfeitor amigo a dispor de recursos como presente que lhe enfeitará a alma na transferência direta às mãos dos deficientes da compreensão humana.

Augusto César; revela-se aos pais não mais como o filho rogado pela saudade, e, sim, pelo espírito querido, colaborando com os necessitados, a mão amiga transfigurada, remissiva na caridade cristã.

Augusto César ainda, remonta nos quadros atuais da vida espiritual, a imagem presente do jovem que se viu privado das belezas terrenas e as transportou ao outro lado, como roupagem exposta no cabide da vida, a sustentar a estampa divina para a juventude atuante nas lides da Doutrina.

Augusto César ainda; revela-nos em suas mensagens nos diversos livros editados, a preocupação nas rogativas de mães que buscam o consolo, a linguagem gíriada com os adolescentes que se extravasam a verbalística decorativa, os contos que se identificam na história de cada ser envolvido pela dor, amenizando as aflições que fazem o padecimento criar raízes de desconforto espiritual.

Augusto César; é o amigo, o espírito que cresce a cada dia a envolver com graça e beleza, sentimento e ação, os grupos jovens, movimentos que se motivam no amparo mútuo, que estendem a solidariedade, que agridem os falsos propostos expostos pela ignorância das leis de Deus, que remanejamos nos postos avançados, clarinados de esperança, uma manhã salutar, auriluzido de sentimentos cristãos.

Augusto César; continuará sendo para sua mãe Yolanda César, para seu pai Raul César e os seus familiares, o pequeno Augustinho, que repletou os seus dias de sonhos, fantasias, de sol irradiando a felicidade eterna de uma família cristã.

Augusto César Netto; foi um filho feliz, agora, um espírito municiado do saber por aquisição de seu coração, sempre soube estar irmanado com o desejo de servir a Jesus e ao semelhante.

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na mensagem.

PAIS:

Yolanda César e Raul César

AVÓS:

Otília Adélia César – paterna – desencarnada

Ermelinda Amaral Rotta – materna – desencarnada.

AMIGA:

Mercedes Sponda.

Peirópolis, Cidade Mineira, onde se formaram reuniões espirituais com Francisco Cândido Xavier, D. Yolanda César e o Sr. Langeston Neves.

Lar Oficina, Entidade filantrópica em São Paulo, fundada por D. Yolanda César no amparo às famílias necessitadas e reuniões espirituais.

Augustinho, expressão de carinho dos familiares a Augusto César, em vida terrena.

(Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos, para melhor identificação por ocasião da leitura da mensagem do espírito. NOTA DA EDITORA).

**MENSAGEM DE
AUGUSTO CÉZAR NETTO**

Querida Mãezinha Yolanda e querido papai Raul; agradeço-lhes o abraço na lembrança do meu dia de reentrada na Vida Maior.

Parece pelo tom de minhas palavras, que desejo confinar as nossas expressões ao âmbito doméstico, mas não bem isso.

Estamos todos na mesma campanha de renovação e cada criatura a que nos ligamos pelos abençoados liames do amor se transforma aos nossos olhos em viga importante dessa construção de espiritualidade, em benefício de nós mesmos.

Conversamos com os nossos pais, entretanto, de nossos entes amados a idéia se irradia e vamos enfatizando a necessidade de compreensão maior entre nós todos no mundo.

Venho agradecer aos pais queridos, a atenção que puseram em minhas petições anteriores: transfigurar as alegrias de nossa casa em felicidade para os outros, em extensão.

Mãezinha Yolanda; com a proteção de Jesus e com as escoras de meu pai Raul; conseguimos fazer do nosso roteiro de saudades o mostruário dos caminhos que nos cabe percorrer, a fim de minorarmos o sofrimento, dele extraíndo a substância precisa, a fim de que se faça o império da esperança onde estivermos.

Ensinam-nos aqui, onde me encontro, que no Plano Físico, somos braços do Divino Mestre para a continuidade da sua obra de redenção. E o único meio de oferecer cooperação ao Senhor e Mestre Nosso será o de transformarmos dor e saudade em serviço e bênção.

Temos demonstrado que isso é possível e agradeço-lhes quanto fez por mim neste novo natalício na Espiritualidade.

Quero dizer ao Papai Raul que eu estive no sorriso de todos aquelas crianças reconfortadas com o carinho que ele e minha mãe Yolanda sabem distribuir; parei junto à cada face de mãe, daquelas mães abençoadas pelas próprias necessidades que nos receberam os testemunhos de solidariedade.

Associei-me a cada velhinho que nos acolheu a alegria com tanta felicidade e compareci no contentamento de cada companheiro e de cada irmã que nos partilharam do encontro de fraternidade.

Muito grato a todos.

Por minhas palavras, querida Mãezinha Yolanda, o seu coração compreenderá que estamos juntos no planejamento do lar-oficina em que teremos serviço mais amplo para quantos desejem cooperar conosco e resultados suficientes para estende ro nosso campo de obrigações na beneficência.

Mãezinha; compreendemos o seu ideal de agir mais, trabalhando mais e servindo mais. Estamos todos, os companheiros de minha turma e eu, em preces ao Senhor para que seja encontrado o espaço, no que a nossa oficina de trabalho deva funcionar.

O primeiro Grupo de Assistência, nos tempos apostólicos, logo depois do regresso de Jesus ao Plano Divino, começou no esforço de uma senhora de nome Dorcas, que passou a costurar para os necessitados e a quem se agregou mais vasto número de cooperadores, surgindo o começo da caridade ativa, em meio das pregações do Reino de Deus.

Nosso ideal de uma obra assim, em que se materializem os ensinamentos que divulgamos, não é demonstração de antagonismo em nosso campo de ação e sim continuidade de serviço.

Primeiros aprendem através das nossas saudades o caminho para a nossa própria transformação e, recebido o mapa de jornada que temos em mãos, vejo em nossa oficina uma bênção de Deus que se segue às outras bênçãos de Deus que temos recebido.

Sigamos para frente.

A Terra, generosa como sempre, nos dará um lugar adequado para a edificação do bem a que estamos endereçados e não nos faltarão amigos para formar a colméia de paz e amor em que pretendemos unicamente atender ao nosso anseio de servir.

Creio seja compreensível que me expresse sobre o assunto neste dia 27, porque foi também num dia 27 que os nossos corações se viram repentinamente golpeados pela separação que não aguardávamos e que nos coube aceitar nos Desígnios de Jesus.

Agora, a nossa caminhada prossegue e o Céu nos abençoará.

Sou grato a todos os que nos estendem os corações e as mãos num gesto de confiança, em nossa fidelidade ao dever cumprido e marcharemos com o amparo de Deus, todos juntos.

Agradeço à nossa Wanda o apoio irrestrito com que nos estimula aos encargos que nos esperam, tanto quanto sou agradecido à tia Mafalda pela contribuição constante com que nos incentiva ao trabalho.

Agradeço todas as doações de alimento e paz que fizeram recordando o pobre rapaz que fui eu, como sou reconhecido à rosa que a nossa estimada Mercedes me trouxe, animando-nos a prosseguir na trilha em que vamos procurando realizar-nos com o bem e para o bem.

Agradeço a Peirópolis na pessoa do irmão Langeston, as vibrações de paz e de esperança em que me completo na certeza de que Deus me suprirá em minhas deficiências para ser o companheiro de trabalho que preciso ser e expresso a minha gratidão a cada árvore que ampara esta casa de amor para o desempenho de sua nobre missão.

Querido papai Raul; muito grato por ter vindo abraçar a nossa família maior.

A vó Otília e a vó Ermelinda aqui se rejubilam com os filhos queridos que são meu pai e minha mãe para ambas, na Vida Maior, assim como reverencio nos dois os pais queridos e inesquecíveis que me ensinaram que a vida vale pelo bem que se deve fazer.

E agora, peço a meu pai me permita dizer sem constrangimento que amo e amarei sempre Mãezinha Yolanda, por nossa benfeitora real.

Papai Raul; deixe-me sentir novamente criança.

Lembre-se; sou o seu Augustinho peralta e difícil, sempre a me acolher, quando menino, ao regaço materno, para que me visse protegido e resguardado para agir como julgasse melhor.

Pois, hoje, Papai Raul, eu cresci em tamanho e entendimento e se não posso colaborar consigo no porto das bênçãos, posso colaborar com a Mãezinha Yolanda em favor dos infelizes.

Muito grato por todo o seu dinheiro, iluminado de amor ao próximo, com que a Mãezinha Yolanda vai realizando o mais belo dos sonhos de qualquer vida humana: o ideal de seguir a Jesus com vontade de se parecer com Ele.

Olhe Mãezinha Yolanda; querido Papai, e veja quanta coragem lhe nasceu do coração para fazer o que realiza, pensando nas instruções do Senhor a quem aceitamos por nosso Divino Mestre.

Recorde os dias em que ela se erguia, entre nós, falando alto para me defender. Aquela fortaleza toda se transformou em trabalho pelos semelhantes.

Pai querido; ainda sou o seu adolescente amparado por minha mãe na jornada de luz em que nos achamos.

Abençoe-nos e auxilie-nos como sempre.

Envio o nosso afeto às irmãs e aos sobrinhos queridos e peço ao querido Papai Raul receber, com a minha querida Mãezinha Yolanda, todo o amor e todo o reconhecimento do filho que deseja trabalhar mais para ser melhor.

Sempre o filho, sempre grato.

AUGUSTO.

**

"A Terra, generosa como sempre, nos dará um lugar adequado para a edificação do bem a que estamos endereçados e não nos faltarão amigos para formar a colméia de paz e amor em que pretendemos unicamente atender ao nosso anseio de servir".

AUGUSTO CÉZAR.

**

AGRADECIMENTOS

Por tudo que temos recebido pela oportunidade de servirmos, pela alegria de estarmos constantemente em contato com o nosso Augusto, pela paz que recebem os amigos que o procuram Chico Xavier, Deus possa mantê-lo sempre entre nós, os necessitados do amor divino.

Família César.

**

Da Obra "AMOR E SAUDADE" –AUTORES: ESPÍRITOS DIVERSOS –
Psicografia: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/ Rubens Silvio Germinhasi
Digitado por: Lúcia Aydir.

CLÁUDIA PINHEIRO GALASSE

Nascimento: 25.07.1964

Desencarnação: 09.09.1982.

Antonio Pinheiro Galasse e Dorothy Galasse, pessoas gentis, amoráveis, não imaginavam que o roteiro de suas vidas estaria alterado circunstancialmente.

Cláudia Pinheiro Galasse; meiga, sensível, amiga, ligada profundamente pelos laços do amor aos pais, inesperadamente se consome num ato triste, incompreensível ao sentido humano familiar.

Jovem que se fez bem amada pelos dotes naturais de gentileza e atenção onde a alegria era uma constante em sua alma. Esboço de belo sorriso; mostrava em seu rosto de moça sadia, a simpatia peculiar.

Terminara seu curso de 1º. Grau no Colégio Nossa Senhora do Rosário, gozava de grande prestígio por seu interesse e participação na preparação de aulas de catecismo, encontro de jovens, com muito amor realizava na demonstração do espírito de solidariedade, sempre presente aos amiguinhos que mais necessitavam do diálogo confortador.

As irmãs de Caridade do Colégio a estimavam profundamente, solicita era a qualquer chamado. O 1º. Grau de sua vida estudantil fazia-o no Colégio Galileu Galilei. Nessa casa escolar, sua sensibilidade a colocou em seus estudos como defensora ecológica por amor à natureza. Com esse amor viajou ao Pantanal para aprimorar seus conhecimentos ecológicos. Regressou entusiasmada, decorou uma das salas de aula do Colégio com pôsteres, folhetos e textos, transferindo aos colegas a experiência adquirida. Promoveu pedágios para conseguir fundos em campanhas filantrópicas. Ativa; Cláudia angariou na dedicação, a simpatia de todo o grupo colegial, provada com a presença em peso de alunos e professores e o fechamento do Colégio, quando do seu velório. Foi lido texto especial no minuto de silêncio para essa "Criança Adulta", que soube desfrutar e aplicar os bons momentos que Deus dá na sequência de nossas vidas. Filha querida, desenvolvida nos sentimentos de compreensão, carinhosamente convivia com a família em plena harmonia, escudava os irmãos que tanto amava, reverenciava os anseios dos pais com respeito e dignidade, não poderia dispor de sua vida sem explicação plausível, no apertar de um gatilho que ocasionaria sua passagem para a espiritualidade.

Os pais, ao se perguntarem onde o erro, a falha que pudessem ter cometido com sua filha, não encontravam resposta.

Perceptível está; mas uma etapa de vida que a dor venceu. Vitória com o sabor das lágrimas da saudade; encontra na resposta que Cláudia traz em sua mensagem esclarecedora, a paz para os pais consolando-os e facilitando à luz do esclarecimento o seu momento de aflição.

Dedicados seareiros. Antoninho e Dora, carinhosamente conhecidos no rol de suas amizades, devotam seus momentos de saudades em auxílio aos carentes da fraternidade humana.

Demonstram que a saudade estará sempre presente marcando no compasso do tempo, o ato de ternura que representam os pais e filhos na trilha sonora do amor, em evolução para Deus.

A dor que os sentidos humanos têm como amargura, possa ser entendida na amplitude espiritual como lenitivo que depura o espírito para a Eternidade Divina.

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na mensagem.

PAIS:

Dorothy Campagna Galasse e Antonio Pinheiro Galasse

IRMÃOS:

Mônica Pinheiro Galasse

Antonio Pinheiro Galasse Junior

AVÓS:

Gorizia Campagna – Gu – materna

Américo Campagna – Ame – materno

Rosa Bruno – Bisavó materna desencarnada em 1974.

AMIGA:

Viviane Dobner Shiunbata – Vivi.

(Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos, para melhor identificação por ocasião da leitura da mensagem do espírito).

**MENSAGEM DE
CLÁUDIA PINHEIRO GALASSE**

Querida Mãezinha Dorothy e querido Papai Toninho; abençoem-me.

Estou melhor e mais calma, conquanto ainda seja portadora de algumas das conseqüências tristes de meu gesto. Sei que hoje passaram o dia revivendo o episódio que tanto estimaríamos ser apenas um sonho.

Também eu com a Vovó Rosa; atravessei as horas deste nove de setembro que já está passando a recordar o desalento que me tomou de assalto. Tudo se me refez na memória. Um telefonema que me deixou indisposta e a idéia que eu nunca deveria ter alimentado chegando, aos poucos, a me repletar o cérebro de resoluções lamentáveis.

Dez minutos para as três horas da tarde, procurei certificar-me de que poderia agir sem a presença de quem quer que fosse e, como que amedrontada, diante de mim mesma, consegui a chave que me daria acesso à arma com a qual me anulei no quarto:

Não sei até hoje que forças desumanas teriam posseado o meu ser...

Recordo-me que chegava a sentir pesada mão sobre a minha para que o gatilho não falhasse. Caí, descontrolada, mas ainda escutava os rumores de casa, quando ouvi as vozes da Mônica...

Compreendo que a nossa dor ficou sendo realmente nossa, porque o meu gesto passou a ferir os pais queridos e a todos os nossos.

É preciso que lhes diga que, embora me sentisse envolvida por forças que me perturbavam a alma, grande foi o meu sofrimento, mas as preces da Mãezinha Dorothy e do Papai Tininho, as orações da Vovó Gu e do Avô Ame, com as petições de socorro que foram enviadas por meus afetos do mundo físico e da vida espiritual, me enlaçavam à maneira de bálsamos sobre a minha cabeça e depois de muito esforço da Vovó Rosa consegui o sono que parecia me recusar...

Desde então, venho melhorando, depois de imensa dor que eu mesma desencadeei sobre mim.

Queridos pais; agora preciso tanto da paz de todos. A paz que me faça forte, a paz que devo levantar de novo sobre o meu coração.

Peço perdão a todos, novamente, e que esta rogativa me traduza a sede de serenidade para que me sinta renovada perante Deus e perante a vida. Quero paz em todos, conquanto houvesse destruído essa harmonia por dentro de nosso lar.

Quero paz em favor de meus amigos e de minhas amigas. E se a estimada irmã Vivi aparecer em nossa casa, rogo para que ela também nos receba as vibrações de carinho e de paz.

Querida Mamãe Dorothy, ninguém me fez mal. Acontece que uma sombra me tomou os pensamentos e aquilo tomou a forma de uma nuvem que eu não sabia se eu era a nuvem ou se a nuvem era uma parte de mim mesma a requisitar moradia em meu coração doente sem razão.

Perdoem-me se foi assim.

Não tive forças.

Apareceu-me um estranho desinteresse por mim própria e fiz o que não deveria fazer.

Um ano passou...

Parece-me um século.

Os que choram, suportam mais peso na carga das horas.

Apesar de tudo, continuo melhorando e peço-lhes não se aflijam se acaso estiver dizendo de minha parte, alguma palavra ou lembrança inconveniente.

Muitas saudades com agradecimentos aos meus irmãos e aos avós queridos.

Sabendo que ambos me perdoam e me retomam na posição de uma criança ferida que se deixou perturbar por momentos, criando-lhes tanta dor, peço para que recebam muitos beijos orvalhados de lágrimas e iluminados de esperança da filha que deseja tanto ter sido melhor e que, um dia, se fará melhor para merecer o carinho de que sempre me enriqueceram as horas.

Sempre a filha que lhes pertence com todo coração.

CLÁUDIA.

**

"Os que choram, suportam mais peso na carga das horas".

CLÁUDIA PINHEIRO GALASSE

**

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus e a você Chico Xavier, por nos ter dado através das obras e mensagens psicografadas, a paz em lugar do comodismo, a fé através da esperança e fidelidade, e, nos ter ensinado com o seu exemplo como manejar a única arma que vence a tudo: o Amor ao próximo.

Família Galasse.

**

Da Obra "AMOR E SAUDADE" –AUTORES: ESPÍRITOS DIVERSOS –
Psicografia: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/ Rubens Silvio Germinhasi
Digitado por: Lúcia Aydir.

NETO

Nascimento: 23.06.1959

Desencarnação: 14.05.1983

8726 dias de existência fez de João Vaccari Neto, o filho que trouxera a seus pais e irmãos momentos de extrema felicidade. Seu nome seria "Eduardo", tudo programado, nome escolhido, a data da reencarnação próxima, sua mãe uma gestante feliz.

Mês de junho, festas juninas, nasce um menino, 23.6.1959, noite comemorativa a São João e, para aumentar a felicidade, aniversaria seu avô João Vaccari. Nessa dualidade de comemoração, os pais homenageiam o Santo Padroeiro e o avô, registrando o pequeno rebento com o nome de João. Nasceria com pequena bronquite alérgica, a falta de ar fora uma constante em sua infância. Aos 13 anos começa a praticar vários esportes que o colocam em contato com a natureza. Pesca submarina, natação e esquiagem. Adorava o vento e o Sol, alegrias no seu dia-a-dia.

Aos quatorze anos recebe as primeiras noções de trabalho. O pai Dara-lhe a oportunidade de percorrer em sua empresa os setores que o fariam manter contato e aprendizado no relacionamento profissional e humano. Reconhecia nos mais aplicados no trabalho os seus valores e nos mais fracos, tentava o reerguimento com conselhos e exemplos. Aprendera a ser paciente.

Aliado à vida, não esquecera de aprimorar-se nos estudos, prestara exames vestibulares nas faculdades FMU, Faculdade de Guarulhos e Universidade Mackenzie, reconhecido apto na primeira chamada das três entidades escolares.

Dedicara-se profundamente ao esporte do motociclismo, sua paixão e, na aviação, conquista o "Brevê" de piloto privado. Não fumava e nem bebia. Gostava de dormir cedo. Sua filosofia de vida espiritualista o fizera prestativo ao sentimento cristão. Várias ocasiões; colocara-se com seu automóvel nas estradas rodoviárias a percorrer muitos quilômetros em socorro aos carentes de auxílio, não medindo distância e tempo gasto. Ao dirigir seu automóvel, os passageiros tinham de se acostumar com o vento a soprar-lhes o rosto. Sentia nisso espírito de liberdade. A motocicleta proporcionava-lhe a extensão desse prazer. Em suas meditações, buscava nos bosques, no mar, os momentos de paz por estar em contato consigo mesmo em suas tendências e natureza.

Aos vinte anos de idade começam-lhe os efeitos da mediunidade. Por vezes, desdobrara-se, percebia-se flutuando e ao dirigir, via-se sentado ao lado do corpo.

O sentimento de liberdade de João; fizera-o também gostar de competições esportivas motociclísticas, das quais participava com muita dedicação e, em treinos em São José dos Campos, em São Paulo, encontra o fim de sua jornada Terrena. Terminados os preparativos de seu treino, resolvera dar a última volta para melhor reconhecimento do local da competição, encontrando aí o obstáculo que o acidentaria.

Esta pequena descrição é reforçada com suas palavras inseridas na carta-mensagem enviada em 22 de outubro de 1983, por Francisco Cândido Xavier, reafirmando o que João Vaccari Neto fora. Aos pais alentara aos 8726 dias, tristezas, alegrias, sonhos, orgulho, fantasias e, acima de tudo, a esperança do reencontro no abraço que os corações presos nas saudades almejam.

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na mensagem.

PAIS:

Julieta Benvenuti Vaccari e Américo Vaccari

IRMÃ:

Ivete Vaccari Menegazzi

BISAVÔ:

Júlia Baroni – materna

TIO AVÔ:

João Benvenuti – materno

Desencarnado em 1975

AMIGA DA FAMÍLIA:

Liliane Iglesias Sanches

(Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos para melhor identificação por ocasião da leitura da mensagem do espírito. NOTA DA EDITORA).

**MENSAGEM DE
JOÃO VACCARI NETO**

Querida Mãezinha Julieta.

Estou na doce obrigação de uni-la com o Papai Américo, em meu pedido de bênção para iniciar esta carta.

Mãezinha; espero que a sua bondade me perdoe aquele apego à minha condução de aço. Minha Moto! Ah!... Ela não era simples máquina. Era a meu ver uma benfeitora que me transportava para o mundo ideal de meus pensamentos.

Admirava-lhe o poder de me carregar de modo a sentir a natureza comigo. Não havia pessoa alguma em nossa companhia a escutar-nos nas estradas para onde nos retirávamos.

Ela com o seu ruído semelhante à música de ninar com que me embalava e eu a cismar no tempo conversando com o futuro. Pingos de chuva, telas verdes de vegetação, encontros com outros veículos e até mesmo a linguagem do vento.

Tudo isso era o campo em que nos movimentávamos. Eu sei que o seu carinho não me contrariava e nem o papai Américo, nem a Ivete e nem a nossa Liliane me brecavam aquela vocação de velocidade a que me habituara, embora temessem por minha segurança, e sou grato a todos os meus pela paciência e compreensão com que me amparavam, mas confesso Mãe, que para seu filho outro gênero de vida não serviria.

Quando me dirigi para o treinamento em São José dos Campos, pode parecer ridículo o que exponho, mas ansiava preparar-me para a Vitória nas corridas em perspectiva, mais para destacar a minha máquina do que pelo prazer de ganhar essa ou aquela distinção. Lembro-me de que nos achávamos aproveitando as horas de um Sábado tranqüilo, quando os companheiros deram por finda a nossa rodada, entretanto pedi para repetir o percurso a sós, pois desejava conversar com o moto e faze-la ver as minudências da pista que nos conduziria a vitória, qual se a máquina tivesse alma...

Comecei o exercício de novo, sem qualquer sinal de cansaço, no entanto em certo trecho da pista, um pequeno entrave nos obrigou ao grande saldo do qual me vi projetado no chão.

Tentei reerguer-me, porém, não consegui... Creio que algum vaso importante se me rompera no cérebro, porque notei que a minha cabeça pendia desgovernada em meus impulsos de retorno à verticalidade natural.

Sem que me conscientizasse da significação daqueles instantes aceitei o torpor que me invadiu... Nada mais vi, nem senti, até que despertei num aposento calmo e confortável. Uma senhora velava junto de mim. Não pude me retomar de improviso. Tive a impressão de que me apossava do corpo parceladamente. E isso demorou algum tempo.

Quando reconheci que a voz se me refizera na garganta, perguntei como era justo, sobre a posição em que me achava.

O corpo estava combalido num abatimento que eu não consegui explicar para mim próprio. Foi então que a senhora de semblante amigo me esclareceu que era ela a vovó Júlia, que me trouxera para outro tipo de existência.

Chorei revoltado, porque me reconhecia numa situação que não pedira, entretanto, aquela criatura de coração magnânimo, que me abraçava, me clareou a cabeça com tamanha ternura que não tive outra alternativa senão concordar...

Depois de alguns dias pude vê-la em nossa casa, abraçar meu pai, acariciar a irmãzinha, a nossa Ivete, e visitar a querida Liliane... Em toda parte e em tudo via o pranto sem razão de ser, porque me achava reconfortado com as lições e explicações recebidas.

Não pude, porém, resistir ao sofrimento que alcançaram todos os meus e voltei ao estado anterior de desesperação.

Minha vó Júlia me fez sentir a necessidade de maior preparação, a fim de rever os entes queridos, e com o tio João Benvenuti me auxiliaram a retornar a serenidade para seguir em frente.

Mãezinha Julieta; saiba que estou bem e convença por mim a todos os nossos de que estou vivo, e espero crescer em conhecimento e segurança íntima para lhes ser útil, a todos.

Da moto nada posso dizer, no entanto estou na crença de que também aqui na vida espiritual existirão asas ligeiras, que nos possam transportar em longas distâncias do mundo novo que apenas começo a divisar.

Peço-lhe cientificar a nossa Ivete de que tudo vai bem comigo e que o meu sonho agora é começar a agir num trabalho que me faça apto a servir aos que deixei no plano físico.

Mãe; a namorada e às outras companheiras de distração conte que estou numa boa, conquanto as saudades compreensíveis; não quero ninguém a se julgar em prisão comigo.

Não posso entrar o caminho de pessoa alguma, porque tenho recebido aqui liberdade suficiente para me reformar para o bem. Não digo liberdade sem disciplina, afirmo que a nossa liberdade está condicionada ao dever de realizar o melhor ao nosso alcance. A vovó Júlia, que me trouxe, me recomenda anotar a posição dos ponteiros do relógio e lamento observar que estamos na matina para novo dia. É o momento de dizer adeus com vontade de ficar.

De qualquer modo, preciso ir e ficarei nos eu pensamento de mãe e no pensamento de meu pai, como sempre.

Receba; querida Mãezinha com o Papai Américo, o coração inteirinho de seu filho.

JOÃO VACCARI NETO.

**

"... ADMIRAVA-LHE O PODER DE ME CARREGAR DE MODO A SENTIR A NATUREZA COMIGO".

"... ESTOU NA CRENÇA DE QUE TAMBÉM AQUI NA VIDA ESPIRITUAL EXISTIRÃO ASAS LIGEIRAS, QUE NOS POSSAM TRANSPORTAR EM LONGAS DISTÂNCIAS DO MUNDO NOVO QUE APENAS COMEÇO A DIVISAR".

JOÃO VACCARI NETO.

AGRADECIMENTOS

A você querido irmão Francisco Cândido Xavier "Apóstolo da verdade de nossos dias".

Que no momento mais difícil em nossa família, na dor da separação de nosso amado Joãozinho, nos acolheu, confortou e amenizou-nos o sofrimento.

DEUS LHE PAGUE

Família Vaccari.

Da Obra "AMOR E SAUDADE" –AUTORES: ESPÍRITOS DIVERSOS –
Psicografia: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/ Rubens Silvio Germinhasi
Digitado por: Lúcia Aydir.

LIANE HELENA ANEAS DE PAULA

Nascimento: 24.01.1963

Desencarnação: 03.05.1982

Liane Helena Anneas de Paula, morena, olhos castanhos, na escola primária despontava sua personalidade. Definia-se na liderança de suas amizades e crescia no conceito de seus mestres. O Instituto de Educação Canadá, ao findar-se os quatro anos letivos, diplomava esta criança que se encaminhava para a adolescência. No Colégio São José termina o seu 1º. Grau. No Colégio Salette, o colegial. Suas tendências levam-na a procurar outro Instituto de ensino. No Externado Rio Branco, em Rudge Ramos, encontra seu caminho. Inicia o curso Normal.

Liane deixa a Terra em 03.05.1982, em acidente automobilístico. Em seus pertences, desenhos e poemas desconhecidos aos pais, revelam a poetiza e pintora. Autêntica em suas ações; faziam de Liane a amiga e companheira ideal. Os amigos, quando de sua partida ao plano espiritual, homenagearam-na com um minuto de silêncio, na Discoteca Tuti-Frutti. Esta imagem de respeito demonstrou ainda mais o seu valor, quando a família, por repetidas vezes, em sua lápide, recolhera inúmeras cartas de pessoas desconhecidas e amigas, nas mais lindas e enternecedoras palavras.

Um pouco dos "De Paula". Católicos praticantes; prosseguiram no roteiro de suas vidas a normalidade dos dias. Vida social controlada, família reunida, felicidade ancorada. Esta a conquista da família feliz.

O controle da vida, as diretrizes futuras não são propriedades de ninguém. De Deus emana o fechar das portas terrenas.

Para Lika, assim conhecida intimamente, as portas da Terra fecharam-se e as portas do Além se abriram na continuidade da vida.

Para os "De Paula", uma nova realidade. A vida com outro significado. Lika agora é o elo de nova visão.

O que antes era carinho, agora é certeza de um amor profundo. O que era sonho, hoje é a realidade de Deus.

O que a princípio era revolta, hoje é a aceitação de nova filosofia de vida. As disciplinas de Deus para o burilamento do espírito.

O que era sentimento liberto dos ideais, hoje é a união dos que provaram na dor, a grandeza de Deus a chamar seus filhos à razão.

Neste encontro; José Wair de Paula, após quase três anos de plena aceitação, admitiu que somente conseguiu completar a leitura da primeira mensagem de sua filha, após seis meses de recebida. Entendeu também que Lika é mais uma vanguardeira na colaboração dos que lá chegam.

Na fraternização dos ideais, os "De Paula" encontraram na família espírita a porta da amizade em que outros pais, outros filhos, outras esposas, esposos, fazem parte do caminho do reconhecimento, de que o amor está onde houver a necessidade da presença amiga, da mão que sustenta e do abraço que acalenta os que ainda estão na frieza do desengano.

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na mensagem.

PAIS:

Neusa Anneas de Paula e José Wair de Paula

IRMÃO:

José Wair de Paula Junior

AVÓS:

Aparecida Aneas – materna

Bento de Paula – paterno

AMIGOS:

+ Marcos Ferreira dos Santos, noivo de Liane;

+ Márcia Marilda de Paula, prima de Liane;

+ Alvimar Andrade Filho, primo de Marcos Ferreira dos Santos.

+ Desencarnados juntos com Liane, no mesmo veículo.

LIKA:

Apelido carinhoso de família e amigos.

Sebastião e Marlene, pais de Marcos (Maurício, irmão de Marcos)

(Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos, para melhor identificação por ocasião da leitura da mensagem do espírito. NOTA DA EDITORA).

**MENSAGEM DE
LIANE HELENA ANEAS DE PAULA**

Querida Mãezinha Neusa e querido Papai, associe os dois ao nosso querido Jú, a fim de transmitir-lhes as minhas notícias. Minha impressão de assombro é aquela emoção que não nos sai da alma, porque o inexprimível está fora do dicionário.

Estou com a Vó Cida e com o apoio dela vou seguindo, nas letras que efetivamente não são minhas, no entanto, representam a vestimenta verbal que me oferecem aqui de modo a falar-lhes, na tentativa de consolidar-lhes a paz.

Mãezinha Neusa, tudo corria bem, no que se refere à nossa curta viagem. Estávamos plenamente tranquilos. Marcos e eu conversávamos com a Márcia e com o Alvimar sobre o Dia das Mães que se aproximava no princípio de maio. Inventávamos situações felizes e mentalizávamos a preparação de presentes. Tudo era alegria, quando estourou sobre nós aquilo que me pareceu uma bomba. O resto é muito difícil de contar.

Os acidentados não dispõem de recursos para oferecer aos outros a versão da ocorrência infeliz em que se reconhecem surpreendidos e anulados.

De minh'aparte, quis fazer algo, estender mãos amigas aos companheiros e falar, mas o corpo me pareceu máquina obstruída, em todos os agentes da função que lhe é própria. Senti-me vencida e transportada, mas não sabia para onde.

Guardava a noção de que estava em mim mesma e que poderia comunicar-me com os que assistiam, entretanto, faltavam-me tudo para expressar-me no lado externo da vida.

No íntimo, o raciocínio estava claro, vigiando... Ouvia palavras e lamentações discretas e sofria não só com as dores que me haviam quebrado, mas também com as picadas de agulhas e outros constrangimentos a que me vi sujeita.

Rezei. Rezei muitas vezes, pedindo a Deus me restituísse a existência, contudo, as horas passavam lentas e gradativamente cheguei a conclusão de que o próprio Deus desistia do impossível, porque o meu reerguimento seria impraticável. Tentava reconstituir os pormenores do acidente, mas me encontrava no emaranhado das emoções contraditórias que passaram a me cansar a cabeça. Não se me fazia possível formular indagações.

Senti você, pai e Jú, perto de mim, hoje não sei se pelos pensamentos com que me cercavam ou se estava na realidade das idéias concretas, de vez que os chamados coquetéis tranqüilizantes que me despejavam na garganta me tisonavam o cérebro. Foi um período muito amargo àquelas horas de expectativa... Não sabia nada e me propunha a adivinhar tudo.

Não sei quanto tempo perdurou aquele estado nebuloso, entretanto, chegou um instante em que senti duas mãos acariciando-me o rosto. Não eram mãos comuns. Davam a impressão de luvas finas que me acalmavam. Aquelas mãos deviam calçar essas luvas que não conhecia. Pensei em medicação especial que me fosse ministrada.

O fenômeno acontecia independentemente de minha vontade. Em certo momento, eu que nada via senão as figuras de minha própria imaginação; enxerguei um rosto com um sorriso semelhante ao seu. A sensação de paz que me tomou o íntimo precedeu um sono pesado e suave que me separou dos nervos doloridos.

Ignorava que isso fosse a morte do corpo, no entanto, não era outra coisa aquele doce entorpecimento que me propiciava descanso. Nada mais registrei senão que acordara em lugar diferente do nosso. O ambiente era balsamizante, sugerindo-me tranqüilidade e alegria.

A dona do sorriso a que me reportei, surgiu aos meus olhos refeitos. Era a Vovó Aparecida a me sossegar o espírito repentinamente excitado, perante a realidade. Não me sentia feliz, embora estivesse aliviada e agradecida, no entanto, quando a conversação esclarecedora da Vovó ia a meio, chegou alguém que ela me apresentou com visível satisfação.

Tratava-se do Vovô Bento que eu não podia reconhecer. O reconforto em que fui envolvida, foi uma bênção e inexplicavelmente passei a aceitar o que chamavam por Desígnios da Vida. Evidenciei a minha preocupação natural pelo Marcos e pelos amigos. Passavam bem, informaram-me.

Uma explosão de pranto me cobriu a face de lágrimas. Se pudesse, desejaria voltar, mas não conseguiria ilaguear as leis que nos governam. Os afiguramento foram, de tal modo explícito, que a lógica me obrigava a silenciar. Quis vê-los em casa e fui até lá. Encontrei-a chorando e vi a nuvem de tristeza em que se mergulhavam o nosso querido Jú e meu pai. Com todo o seu poder de persuasão a Vovó Cida não conseguiu que as lágrimas me lavassem a alma. Desde então, venho procurando melhorar-me no íntimo, de maneira a me fazer útil.

Lutei contra as minhas próprias fraquezas e pude prestar algum pequeno auxílio ao Marcos, à Márcia e ao Alvimar. Descobrimo que me seria possível agir em apoio de alguém, a luta se transformou aos meus olhos. Estou adquirindo recursos novos e peço-lhe, lembrarem sem mágoa. Mãe querida, rogo-lhe dizer isso mesmo aos nossos amigos Sr. Sebastião, à mãezinha Marlene e ao Maurício, a fim de que estejam tranqüilos quanto ao Marcos.

Sei hoje que o organismo espiritual é que nos registram as impressões de vida. E continuo em meu tratamento de recuperação. Se vocês puderem nos auxiliar com idéias de otimismo e fé positiva em Deus, isso representará um passo muito importante em nossas reações por aqui. Rogo-lhes a todos façam isso por nós. Todos estamos submetidos às leis de Deus que estão em toda parte e peço-lhes para nos lembrarem na condição de pessoas vivas comuns. Assim conseguiremos a nossa recuperação, de mais perto.

Ajudem-nos para que possamos ajuda-los. As emoções daí a nosso respeito, para mim são cartas com endereço próprio. Prometo retribuir, logo melhorem as minhas condições. E não me esquecerei.

Por agora, saibamos que Deus é nosso Pai de Infinita Bondade e só nos dá aquilo que conseguimos suportar. Sobretudo, peço em nome do Marcos e do meu que não se pese qualquer incriminação contra ninguém. Um acidente é um acidente e qualquer pessoa por aqui não ignora que ainda estamos restaurando as próprias forças.

Mãezinha Neuza; creio que lhes trouxe o relatório afetivo que me era possível. De outras vezes (quem sabe?) talvez eu consiga outra oportunidade. Vejo que isso pode acontecer e rejubilo-me na esperança de abraça-los assim tão próximos de mim, embora não me sinta a presença.

Querida Mamãe Neusa; agradeço ao seu carinho, ao papai e ao querido Jú, a paciência com que aceitaram os fatos. Essa busca de compreensão e serenidade para nós aqui, é um grande auxílio. Minhas lembranças a todos os nossos amigos. Não consigo escrever mais do que isto. Perdoem-me.

Papai querido e querida Mamãe; muito agradeço por todas as lembranças e boas palavras com que me reconfortaram e ainda me animam tanto. Peço ao querido Jú para que se refaça e volte a ser otimista e alegre como sempre. A vida não termina. Somos transferidos de residência e por dentro de nós somos os mesmos. Queridos pais; estarei melhor em breve, a fim de comunicar-lhes paz e alegria. A Vovó Cida e o meu avô Bento aqui comigo se fazem presente no carinho que lhes endereçam e eu, a filha que lhes deve tanto amor, lhes deixo aqui, nas palavras que estou garatujando, um beijo molhado de lágrimas. Lágrimas de caridade, de ternura, de emoção e reconhecimento.

Recebam os dois; todo o coração da filha sempre agradecida. Muitos abraços e lembranças da

LIANE

**

AGRADECIMENTOS

A você meu caro e bondoso Francisco Cândido Xavier, que fez o sol tornar a brilhar para nós, a paz e a esperança, aliarem-se no reconforto que a bênção de Deus nos enviou, através das mensagens de nossa filha e psicografadas por suas mãos benditas, receba em Jesus, os nossos agradecimentos eternos, por estas mãos, que haverá sempre de endereçar aos aflitos, o lenitivo da verdade da vida futura.

Deus lhe pague.

Família De Paula.

S.B.Campo, 28.03.1985.

**

"Sei hoje que o organismo espiritual é que registra as impressões de vida.

A vida não termina.

Somos transferidos de residência e por

Dentro de nós somos os mesmos "".

LIANE HELENA ANEAS DE PAULA.

**

Da Obra "AMOR E SAUDADE" –AUTORES: ESPÍRITOS DIVERSOS –
Psicografia: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/ Rubens Silvio Germinhasi
Digitado por: Lúcia Aydir.

MARCOS CEZAR MAYO

Nascimento: 25.03.1963

Desencarnação: 21.04.1981

Razões que preponderam na vida.

“Amar a Deus sobre todas as coisas”.

“Amar o próximo como a si mesmo”.

Na constituição familiar do casal Manoel Mayo Sanchez e Elza Aparecida Cezarini Mayo, o primeiro filho viera de um parto normal. Nascia Lílian Cezarini Mayo; assinalava o segmento da família no agrupamento terrestre, ponto inicial da experiência pela reencarnação.

A segunda filha um parto “Nati Morto”.

Marcos Cezar Mayo; terceiro filho; nasce em março de 1963, empanando a tristeza e reacendendo o brilho da felicidade que se completaria com o nascimento de Gerson Luiz Mayo. Primando pela disciplina, o Sr. Manoel, no reflexo de sua criação transferia-o para Marcos Cezar e irmãos, conduzindo no principiar de suas existências a severidade disciplinar que a educação exigia.

Marcos crescia. Transparecia suas docilidade. O amor pela família evidencia-se. Seus pais admiravam-se, pois, onde estivesse, nas ruas ou qualquer logradouro, os gestos de carinho, externava-os nos abraços e beijos aos familiares. Alguns companheiros achavam carece esse procedimento; criticavam-no. Adorava festividades e, nas oportunidades, não perdia um baile. Seu conceito de vida: viver intensamente.

Em 1980 completava o colegial. Inicia cursinho no Objetivo, visando no futuro ser Administrador de Empresas. Reconhecendo o esforço do filho, os pais o presenteiam com um automóvel. Tudo corria bem, mas certa noite, ao regressar de um baile, no Buzo Palace, salão para festividades na divisa dos municípios de São Caetano do Sul e Santo André, São Paulo, o Plano Espiritual o recebe de volta. Foi alvejado com alguns tiros, não sabendo o que lhe acontecia, pois nada fizera que desse motivo à agressão. As perguntas começaram a se fazer sentir, criando corpo os “porquês” e “quais as razões”.

Do incidente, a família encontrava dificuldades para compor-se novamente, tudo perdera o sentido. Elza, sua mãe, desestimulada, não se apercebia do mal que estava lhe acometendo. Lílian e Gerson, partícipes de sua dor a encorajavam libertar-se, procurar na vida outros valores. Nas refeições, solidários, percebiam-lhe a tristeza. D. Elza recusava alimentar-se a ponto dos filhos pressionarem-na sentimentalmente: também deixariam de alimentar-se e, neste ato de amor, acordara para a responsabilidade e continuidade da vida no lar.

Nos quadros atuais, Manoel Mayo, dantes católico definido na crença, abraça ardorosamente as veredas que o levam à tranquilidade na dedicação e aprendizado da Doutrina Espírita. Rememorando 19.2.1983, Marcos, pelas mãos abençoadas de Francisco Cândido Xavier, esclarece, aponta e reaquece o sentimento de seus familiares com a mensagem que preencheu o vazio de que a tristeza se fizera a dona.

A bênção de Jesus vem através dos mil modos encetados nas paragens Terrenas, com a natureza de Deus em cada filho, propiciando corrigir no trabalho do amor ao próximo, o passado, as faltas que houveramos cometido.

Esclarecimentos necessários de pessoas

Ou fatos constantes na mensagem.

PAIS:

Elza Aparecida Cezarini Mayo

Manoel Mayo Sanchez

IRMÃOS:

Lilian Cezarini Mayo

Gerson Luiz Mayo

AVÓS:

Anna Sanchez Sallas – paterna

Desencarnada em janeiro de 1954

Manoel Sanchez Fernandes – Bisavô paterno

Desencarnado em maio de 1950

Nono Cezarino – materno

Desencarnado em novembro de 1953

Seu nome correto; Cezarini, mas, fez questão de ser Cezarino quando em vida material, prova da continuidade expressa na mensagem.

(Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos, para melhor identificação por ocasião da leitura da mensagem do espírito. NOTA DA EDITORA).

**MENSAGEM DE
MARCOS CEZAR MAYO**

Querida Mãezinha Elza e querido papai Manoel; peço-lhes para que me abençoem. Desde aquela noite de abril do ano passado; venho buscando meios de me comunicar com a família, mas as dificuldades com que fui defrontado não foram poucas. Não sei por que, mas, desde o momento em que ouvi tiros e que um dos projéteis me alcançou, quando voltava de uma festinha de amigos, quis ardentemente falar-lhes. Desejava explicar que não dera motivo algum para a agressão que me tomava de súbito, no entanto, tive a impressão de que as minhas forças se escoavam através de feridas abertas.

Mãezinha Elza, aquele foi um momento em que me tornei novamente criança para lhe escutar as preces e recordar-lhe as palavras em torno de Jesus.

A vida começa no jardim do lar, em cujo ambiente nos organizamos para a conquista do melhor para cada um de nós, entretanto, o tempo vai soterrando em nosso coração as lembranças que parecem extintas, ante a necessidade de enfrentar outros problemas. As suas orações, querida Mamãe, foram a minha companhia naqueles longos minutos de expectativa e sofrimento, Como desejei retornar à infância para revê-la a procurar saber o nosso comportamento pelos olhos que eu pudesse apresentar...

No entanto, ali me achava a sós, sob a noite como se devesse aprender que o Céu é o Templo da Natureza acordando-nos para os deveres mais simples da vida... Isso aconteceu por minutos, até que passei do nosso da superfície ao sono profundo, no qual se me apagaram todas as recordações.

O que sucedeu, ainda não sei. Lembro-me apenas de que fui alvejado e caíra num desmaio de que não consegui me desvencilhar. Mas, despertando, encontrei a simpática figura de mulher que me determinou chamá-la por Vovó Ana e que me vem tratando com muito amor! E com lágrimas, vim, a saber, que fora demitido da experiência física pelos tiros de um amigo anônimo e, então, traumatizado, chorei, não

por dores que eu não estava sentindo, e sim por papai, cuja sensibilidade conheço tão bem.

Comovi-me ao ver a nossa casa com que a se desmantelar.

Esforcei-me em vão para reconforta-los, mas não encontrei possibilidade imediata para isso. O pranto da Mamãe Elza caía sobre a feição de fogo que me requeimava o coração. Encontrei o papai prostrado, pensando em morrer e os irmãos algo desorientados, indagando o porquê... A luta tem sido grande para enxugar-lhes o pranto e venho pedir-lhes coragem e fé em Deus.

Desvelou-se a Vovó Ana e o querido Avô Manuel que também se nos agrupou à equipe de reconforto.

Pais queridos; sei que lhes doeu profundamente o golpe desferido contra nós, mas venho rogar-lhes paciência e serenidade.

Tudo tem uma causa e a Misericórdia Divina não nos permitiria sofrer sem finalidade justa.

Se é verdade que fui compelido a perder a existência, longe de casa, a Vovó Ana me convidou a atenção para Jesus que também foi sacrificado ante os Céus, sem qualquer proteção. Tenho refletido bastante e noto que as minhas idéias de rapaz amadureceram um tanto.

Peço-lhes não procurarem pelo autor ou autores dos disparos, pois todos somos filhos do mesmo Pai e devemos acatar o que me aconteceu com a serenidade de quem se conhece igualmente carregado de fraquezas como sucede a qualquer um.

Estou melhorando e a qualquer momento, obterei a licença devida para trabalhar e começarei, com a Graça de Deus, por nossa casa e em seguida, espero forças para auxiliar aos nossos companheiros desorientados aos quais fiquei devendo o testemunho da compreensão que Jesus nos ensinou.

Agradeço pelo fato de não procurarem qualquer justificação em meu favor, porque não desejo incriminar a ninguém. Vínhamos despreocupados de uma festa em família amiga e não quero ter a idéia de quem sejam os autores do atentado de que fomos vítimas, porquanto, preciso estudar antes como me comportarei para prestar-lhes a assistência que eu possa desenvolver. Estou na fase de quem aceita progressivamente a verdade para trata-la com amor, e sou muito grato ao silêncio que puderem fazer em derredor do assunto, considerando que também eu sou humano e suscetível de erros difíceis de reparar.

Creiam os queridos pais, e os meus irmãos Gerson e Lílian que poderíamos sofrer talvez demasiado se fosse eu a pessoa que desrespeitasse a vida dos meus semelhantes.

Felizmente, isso não aconteceu e peço-lhes orações em auxílio porque desejo efetivamente ser útil aos companheiros que me alvejaram, e desejo encontra-los na condição de irmão e servidor.

Quantos irmãos; temos no mundo; mergulhados em delinquência, perturbados e infelizes? Quantos não tiveram o lar querido em que nasci e resvalaram para a loucura, terminando reclusos em penitenciárias de reparação e dor?

Agradecemos a Deus a nossa consciência tranqüila e saibam que estou procedendo e querendo proceder com a retidão e com a generosidade que o papai Manoel e a Mãezinha Elza me ensinaram para vencer na vida.

Compreendo tudo isso e agradeço-lhes o bem que me ensinaram e o esforço que despenderam a fim de me afastarem do mal. Venho até aqui, no intuito não só de reconforta-los com as minhas notícias simples, mas também para afirmar-lhes que não me esqueci de todos os ensinamentos de amor ao próximo recebidos em casa. Graças a Deus, não tenho motivos para queixar-me. Dizem-me a Vovó Ana e o Avô Manoel que a caridade começa distribuindo aquilo que se tem, depois reparte o pouco de que possa dispor e em seguida, entrega também o coração aos que necessitam de entendimento para se retirarem das sombras a que se acolhem.

Agradecemos tudo o que temos na fé viva em Deus que nos foi confiada e que o amor e a serenidade continuem comandando as nossas manifestações.

Peço ao papai não alterar o nosso ambiente, buscando mudanças que não apresentam sentido real para a nossa vida. Se sempre vivemos entre amigos queridos e fiéis, se possuímos tanta alegria e paz onde estamos; saibamos harmonizar os próprios sentimentos com os Desígnios de Deus, Jesus é Misericórdia para todos e foi Ele mesmo, nosso Senhor e Mestre, quem nos ensinou o perdão sem limites. Que todos estejamos nessa faixa de luz em que a esperança nos envolve e que Jesus nos abençoe e ilumine sempre.

Mãezinha Elza; tenho sido auxiliado igualmente por um benfeitor que me recomenda chamá-lo por Nono Cesarino, e espero que as bênçãos de que tenho sido objeto se derramem sobre nossa casa que precisa voltar a ser feliz. Desejo que as nossas músicas espalhem harmonia e confiança no recinto em que o Senhor nos reuniu para sermos um dos outros e conto com o Gerson e com a Lílian para que a alegria regresse ao nosso convívio familiar.

Estou sempre melhor e isso acontecerá igualmente com todos os meus para que estejamos nas vibrações do bem dentro das quais Jesus nos situou.

Não devo escrever mais, no entanto, formulo votos para que o nosso ambiente retorne a gratidão jubilosa à Divina Providência por todos os tesouros de amor que temos recebido. Querida Mamãe, não conserve lembranças minhas, com exceção dos retratos que nos fixaram momentos inesquecíveis de união e felicidade.

Nada pude acumular senão algumas lembranças modestas de rapaz sem pretensões.

Imagino-me criança outra vez e peço-lhes para distribuir entre os meninos ou jovens de minha idade tudo aquilo que possa apresentar alguma utilidade. Querido Papai; sou muito agradecido por todas as suas demonstrações de carinho em minha memória. Tudo recebi alegremente: as flores, as preces, os ofícios religiosos e as palavras de bondade com que me encorajam para se ro moço cristão que preciso ser.

Agora, com muita gratidão a todos os que me favoreceram com a oportunidade de lhes trazer as minhas pobres palavras, abraços aos irmãos queridos e deixo aqui estampados neste papel amigo para a Mãezinha Elza e para o meu pai Manoel, os beijos de imenso amor e de muitas saudades do filho sempre reconhecido.

MARCOS

MARCOS CEZAR MAYO.

**

"A VIDA COMEÇA NO JARDIM DO LAR, EM CUJO AMBIENTE NOS ORGANIZAMOS PARA A CONQUISTA DO MELHOR PARA CADA UM DE NÓS... A CARIDADE COMEÇA DISTRIBUINDO AQUILO QUE SE TEM, DEPOIS REPARTE O POUCO QUE POSSA DISPOR E EM SEGUIDA, ENTREGA TAMBÉM O CORAÇÃO..."

MARCOS CEZAR MAYO

**

AGRADECIMENTOS

Ao querido e amável Francisco Cândido Xavier, os nossos sinceros agradecimentos pela paz, confiança e tranqüilidade que encontramos na mensagem recebida por seu intermédio, do nosso inesquecível Marcos Cezar, onde constatamos que só o "amor" constrói, através dos desígnios de Deus, no trabalho inovador para com os nossos semelhantes.

Família Mayo

Santo André, 25 de março de 1985.

**

Da Obra "AMOR E SAUDADE" –AUTORES: ESPÍRITOS DIVERSOS –
Psicografia: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/ Rubens Silvio Germinhasi
Digitado por: Lúcia Aydir.

MÁRIO ROBERTO QUIRINO DOS SANTOS

Nascimento: 15.04.1954

Desencarnação: 27.02.1981

Mário Quirino dos Santos, progenitor de Mário Roberto,; conta a experiência e a visão que tivera na noite em que seu filho sofrera o acidente que o vitimara para sua partida do Mundo Terreno.

Para aguardar a chegada do nosso, Sr. Mário ficara só na sala diante do aparelho de TV; assistindo determinado filme que não chamava sua atenção. As horas ganhavam o espaço da noite e por volta das vinte e duas horas pensou em desligar o aparelho. Neste ato, surpreso, intermediando sua pessoa e o aparelho de TV, surge-lhe um quadro: uma cena mostrava seu filho Mário Roberto com aspecto de aflição.

Preocupou-se fortemente; percebendo que seu filho precisava de ajuda. E de que maneira poderia ajuda-lo se não sabia onde e por que?

Era de seu conhecimento que o Mário Roberto combinara com a sua noiva Edna de não se verem pó rum tempo determinado, como teste de valorização afetiva, por essa razão não estaria no único lugar possível de encontra-lo; na casa de Edna.

Seu desespero aumentou quando, pela segunda vez, outra cena aparece: Mário Roberto; sem forças e o corpo manchado de sangue. Assustado e com pressentimento, decidira dormir, sem saber como contar à esposa o ocorrido. Mas acabara de levantar-se do sofá com a mão no interruptor apagando as luzes, toca a campainha. Trêmulo, desequilibrado, atende à porta.

Um amigo de Mário Roberto no portão.

Imaginara algo, uma batida de automóvel trazendo um pequeno ferimento ou fratura sem gravidade.

O jovem dizia inicialmente que Mário Roberto estava hospitalizado. Fora atingido por um projétil, resultado de desentendimento de duas pessoas no trânsito.

Não pudera dar maiores detalhes do acontecido.

Apressado ruma para a Casa de Saúde, e encontra seu filho na UTI, onde ficou toda a noite. Os jovens que para lá acorreram fizeram os mais diversos comentários e, dentre eles, um rapaz de nome Gilberto, ao qual fora endereçado o tiro que acabou acertando Mário Roberto por estar à frente ao tentar evitar a tragédia.

Na manhã do dia 28 de fevereiro de 1981, em sua casa, próxima à casa hospitalar, após passarem a noite reunidos em orações com a família e amigos, dois companheiros prestativos o chamam ao portão e, sem coragem de dar a notícia, deixavam um para o outro o que não precisava ser dito.

Mário Roberto partira para o Plano Espiritual, deixando as mais belas lembranças aos pais que o amaram e amam, pois, da saudade, as lembranças se tornam vibrações de vida que se incrustam nos corações que ficam, como alimento divino.

Esclarecimentos necessários de pessoas ou fatos constantes na mensagem.

PAIS:

Maria Pereira dos Santos e Mário Quirino dos Santos

IRMÃOS:

Emmanuel Quirino dos Santos

Evandro Quirino dos Santos

Luciana Quirino dos Santos

Danyela Quirino dos Santos

BISAVÓS:

Maria Francisca Pires – materna; desencarnada há 25 anos.

Maria Peres Pereira – paterna –

Desencarnada para o Sr. Mário que tomara conhecimento de sua existência através da mensagem, pois, nunca fora cogitado seu nome, no matrimônio do casal Mário e Maria, havia desencarnado na tenra idade de D. Maria.

NOIVA:

Edna Maria Nobre Bueno

GILBERTO

Nome da pessoa envolvida em discussão de trânsito que, perseguido, seria o alvo do projétil que atingiu Mário Roberto.

JOSÉ e ANTÔNIO

Forma de expressão usada por Mário Roberto em vida na terra.

(Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos, para melhor identificação por ocasião da leitura da mensagem do espírito. NOTA DA EDITORA).

**MENSAGEM DE
MÁRIO ROBERTO QUIRINO DOS SANTOS**

Querida mãezinha Maria e querido papai Mário. Antes de tudo peço-lhes que me abençoem.

Estou aqui sob a tutela da vovó Maria Francisca, que me recomendou trazer algumas notícias. Embora um tanto acanhado ante a perspectiva de escrever num ambiente estranho à família; sinto-me envolvido num clima de paz e simpatia que me desinibe e deixa à vontade para dizer-lhes que vou bem, tanto quanto possível.

Se me lembro da ocorrência infeliz? Recordo-a sim. Um projétil que se desviou do alvo me alcançou quando eu não esperava; senão, a possibilidade de respirar um ar diferente das ruas, entretendo-me com amigos.

Tiro para quem? Para José, para Antônio? Não houve tempo para realizar qualquer verificação.

Caí à maneira de um animal abatido por experiente caçador, e não vi mais nada.

O carro passava veloz.

Disse-não-disse, e meu pensamento interessado na escuta vacilou e por fim apagou-se inteiramente. Quando me reconheci na fase final de minha existência, quis rezar, mas era tarde. A cabeça rodopiava e um torpor invencível me situou num desmaio que até hoje não pude compreender.

Do intervalo que se fez por dentro de mim próprio, nada sei. O sono e o silêncio me tomaram os sentidos por inteiro. Impossibilitado para medir o tempo – creio que despendi muitas horas ou muitos dias para poder despertar.

A senhora que velava junto a mim não se deu pressa em se anunciar. Esperou calmamente até que meus olhos se descerrassem de todo e que a vontade de

conversar descesse da razão para a boca. Interpelada por mim; esclareceu que me buscara justamente quando tombei desprevenido.

Vovó Maria Francisca foi o nome que me deu para nomeá-la. Em seguida às primeira perguntas minhas, outra senhora se postou ao nosso lado, auxiliando-me. Declarou chamar-se Maria Peres, e me vi acalentado no meu desgosto das primeiras horas por dois corações maternos que tudo fizeram para que eu alcançasse equilíbrio possível com que estou contando para lhes escrever.

Pensei nos pais queridos, nos irmãos e na Edna Maria. Entretanto, era preciso conformar-me e esperar que as energias se me recompusessem.

Mãezinha; peço-lhe não me lastimarem com o pesar com que ainda o fazem. Aprendi com a vovó Maria Francisca que lamentável seria se eu tivesse que me arrepender por despojar a vida de alguém.

Graças a DEUS isto não aconteceu. E conquanto o meu desejo fosse de formar o meu próprio refúgio com nossa Edna; venho aprendendo a rogar a Jesus felicidade que não lhe pude dar. Confio que a nossa querida companheira será como sempre muito abençoada e espero que a Divina Providência faça de mim um irmão que a proteja e seja útil. Os irmãos queridos Emmanuel e Evandro com as queridas irmãs Luciana e Sílvia estão sempre em minhas saudades, e a nossa pequena Danyela é uma estrela em seus braços maternos a clarear o futuro.

Mãezinha querida e meu querido papai Mário; agradeço-lhes por não haverem conduzido o que me sucedeu a laços de processos que somente me serviriam de prisão e recordação que devo desmanchar inteiramente.

O mal que sofremos é sempre uma bênção se não nos rendermos a sentimentos e revolta. Basta ao nosso infeliz irmão, que não conheço, a dor de haver provocado aquele conflito em que fui compelido a perder o corpo físico a fim de entrar na vida espiritual.

As saudades são muitas, como não poderia deixar de ser; mas haveremos de transforma-las em orações de esperança que nos auxiliem no futuro melhor.

Quanto ao mais; peço aos queridos pais continuarmos em paz buscando fazer o melhor ao nosso alcance.

Um abraço ao papai Mário Quirino e para a Mãezinha todo o coração saudoso e reconhecido de seu filho Mário Roberto.

MÁRIO ROBERTO.

**

“Lamentável seria se eu tivesse que me arrepender por despojar a vida de alguém”.

MÁRIO ROBERTO QUIRINO DOS SANTOS.

**

AGRADECIMENTOS

Oh Deus!...

Abençoe as mãos de Francisco Cândido Xavier, pelas quais nos tem chegado consoladoras mensagens de alento, ânimo e esperança.

Que o Pai o ampare e o proteja sempre, a fim de poder continuar a sublime tarefa de amenizar dores, enxugar lágrimas e consolar os aflitos.

Obrigado caro amigo Chico Xavier.

Paz, saúde e alegrias.

MÁRIO QUIRINO DOS SANTOS E FAMÍLIA.

**

Da Obra "AMOR E SAUDADE" –AUTORES: ESPÍRITOS DIVERSOS –
Psicografia: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/ Rubens Silvio Germinhasi
Digitado por: Lúcia Aydir.

MOACYR STELLA JUNIOR

Nascimento: 15.11.1952

Desencarnação: 07.06.1984

Nos momentos difíceis da vida, nas amarguras consumidas por falta da aceitação maior dos postulados do saber cristão, não se entender o porquê de certas situações que colocam em choque a razão com o egoísmo nato em cada elemento humano.

Crê-se em alcançar o que é legado por direito como posse absoluta, imagina-se o sofrimento de cada ser um caminho do aprendizado, responsável por si mesmo, como instância inaceitável. Questiona-se com Deus o momento da dor como imposição e norma de vida. Esquece-se de que apenas é recolhido os cacos dos atos infelizes, contrários à lei do amor ao semelhante.

A misericórdia de Deus, infinita, posiciona-se ao lado de cada elemento da sua criação, e impele o raciocínio verificar os pontos críticos da passagem do espírito pela Terra, colocando-o diretamente na razão de sua consciência, reforçando-o na aceitação dos seus próprios desígnios.

Moacyr Stella Junior; de formação religiosa católica; é aprova da presença de Deus, na área de sua compreensão. Sua dor o projetou na Doutrina Espírita, a qual veio lhe trazer confiança e resignação, como também o encaminhamento dos seus pais.

O Sr. Moacyr Stella nos relata: O que impressionava em meu filho, era a sua força interior, não podia ser enganado em sua moléstia, câncer no cérebro. Na época estudava medicina e, apesar de sofrer a primeira cirurgia cerebral, de uma série de três, com as dificuldades relativas à doença, conseguiu formar-se e clinicar. Jamais o ouvimos falar do seu mal. Nunca nos dissera do seu envolvimento na ajuda aos que o procuravam. Por vezes, deixava o seu consultório para acompanhar alguns taxistas em suas reivindicações junto aos órgãos de classe. Aplicava-se com desprendimento.

Seu sonho era cuidar de crianças, não pôde realiza-lo aqui na Terra, mas está realizando-o em seu trabalho espiritual, quando pudemos deparar num trecho de sua carta os dizeres: *"... procuro adaptar-me ao meu novo plano de ação para ser útil não somente aos queridos familiares, mas também às criancinhas que se preparam aqui para voltar ao mundo físico. Na Terra, tentava colaborar para que viessem felizes à existência nova e aqui me comprazo em observar os melhores métodos de ajustar-lhes os caminhos de reencarnação"*.

Apesar de termos acompanhados o transcorrer de sua doença, inconformados, eu e minha esposa, rumamos para Uberaba ao encontro de Francisco Cândido Xavier para algum alento. Entendíamos ser um pouco cedo para uma carta de nosso filho, pois fazia três meses do seu desenlace. Graças a Deus, Moacyrcinho nos envia sua mensagem. A misericórdia de Deus não falha.

A visão do Mundo Maior precisa ser respeitada acima de tudo, e que a ignorância religiosa humana, saiba distinguir entre si que a vida espiritual promana de Deus, a única visão plausível e entendida nas reencarnações sucessivas da vida.

Esclarecimentos necessários de pessoas

Ou fatos constantes na mensagem.

PAIS:

Ilda Coelho Stella e Moacyr Stella

IRMÃOS:

Marcos Stella
Marisilda Stella
Márcia Stella

AVÓ:

Anna Coelho – materna

TIOS:

Avelino Ginjo – desencarnado

Lydia Ginjo.

(Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos, para melhor identificação por ocasião da leitura da mensagem do espírito. NOTA DA EDITORA).

MENSAGEM DE
MOACYR STELLA JUNIOR

Querida Mãezinha Ilda e querido papai Moacyr; peço-lhes para que me abençoem.

Mãezinha; o seu coração me pede com tanto carinho estas notícias; que seria ingratidão sonega-las a quem devo tanta dedicação.

Não fique entristecida pelo motivo de se fazer difícil ao papai Moacyr aceitar as minhas palavras.

Compreendo muito bem o que vem a ser a vida com a predominância do raciocínio.

No íntimo o papai considera a possibilidade de minha sobrevivência e sei que considerar não é crer. Mas a ponderação representa muito no espírito honesto e realista, quanto o dele, para observar os fatos e admiti-los.

A violência não vem de Deus e não nos seria lícito violentar as razões e idéias de ninguém.

Quanto mais as que nos chegam do papai, sempre cristão pelos atos e pelas atitudes perante a vida.

Quero dizer à tia Lídia que o tio Avelino está conosco neste instante, auxiliando-me a escrever com a pressa de quem telegrafa e preciso dizer-lhes que a minha vó Ana tem sido uma coração providencial amparando-me em todas as situações.

Saudades me sobram, mas como não podemos viver unicamente de saudades, nem ai, nem aqui, procuro adaptar-me ao meu novo plano de ação para ser útil não somente aos queridos familiares, mas também às criancinhas que se preparam aqui para voltar ao mundo físico.

Na Terra, tentava colaborar para que viessem felizes à existência nova e aqui me comprazo em observar os melhores métodos de ajustar-lhes os caminhos da reencarnação.

Mãezinha Ilda; receba com o papai Moacyr o melhor do que eu desejo possuir de bom e ainda não tenho.

O tio Avelino abraça a tia Lídia e de minha parte, com lembranças ao querido irmão e às queridas irmãs Marisilda e Márcia; peço aos queridos pais receberem o carinho imenso e a gratidão invariável do filho que lhes pertence, em nome de Deus.

MOACYR

**

"Querida Mãezinha...

Saudades me sobram, mas como não podemos viver unicamente de saudades, nem aí, nem aqui, procuro adaptar-me ao meu novo plano de ação para ser útil...".

MOACYR STELLA JUNIOR.

**

AGRADECIMENTOS

Com amor agradecemos a Francisco Cândido Xavier, abençoadas mãos que redige através do lápis consolador a esperança e a luz que nos clareia o amanhã.

Em nome do nosso filho, e por nós. Deus o abençoe sempre.

Família Stella.

**

Da Obra "AMOR E SAUDADE" -AUTORES: ESPÍRITOS DIVERSOS -
Psicografia: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/ Rubens Silvio Germinhasi
Digitado por: Lúcia Aydir.

OSMAR TOTARO

Nascimento: 12.09.1961

Desencarnação: 08.09.1982

De Deus sempre esperamos sua Misericórdia.

Os emissários do reconforto em qualquer instante consolam e alertam os corações que estão prestes a passar pela provação da dor.

D. Lola Totaro Valiente nos conta: *Osmar, dois meses antes de sua desencarnação, numa noite, em seu quarto, aparece-lhe em espírito a figura real de Francisco Cândido Xavier. Encantado, com ternura e alegria, no dia seguinte foi à Igreja orar e levar umas rosas em homenagem àquele que o fizera feliz.* Não conhece o Chico Xavier pessoalmente. Nos conta ainda D. Lola que tivera na noite anterior da tragédia um sonho com a sua avó Maria Totaro, falecida em 1978; aparece-lhe vestida de preto. Esta avó residira em sua companhia durante 12 anos. Deduziu que algo estaria por acontecer.

Em 08.09.1982, quarta-feira, 11 horas da manhã, em sua casa comercial "Lotérica Divino", no bairro de Moema, São Paulo, Capital, quando jogava num reservado no fundo da loja, uma partida de bilhar, isto fazia nas horas de folga. Osmar, seu irmão e seu pai estavam ali reunidos. Entram dois rapazes em direção aos três dizendo: "Estamos aí..." "Estamos aí o que..." Responde Sr. Vitor Totaro, pedindo que se retirassem, principiou-se ligeiro desentendimento. Osmar observando isso; foi em socorro do pai, quando foi disparado um tiro por um dos invasores, atingindo-o no peito, na artéria aorta, seguido de forte hemorragia, morrera a caminho do hospital.

Osmar muito religioso; freqüentava com assiduidade a Igreja Católica. Esportivo; pensava em formar-se em Educação Física e preparava-se para os exames vestibulares. Em família, ficava; altas horas da noite em diálogos com o pai; tinha-o como seu confidente.

Certa feita – nos conta o Sr. Vitor Totaro – Osmar; em roda de amigos, num gesto brusco de minha parte, chamei-lhe a atenção por algo que houvera praticado; os amigos não gostaram e Osmar em minha defesa dissera-lhes que merecera a repreensão, pois estava errado.

Em outra oportunidade pedira-me para trabalhar um dia em minha casa Lotérica no centro da cidade, para que eu pudesse descansar. Nesse dia foi assaltado, com várias armas apontadas em sua direção, apenas perdera o dinheiro do movimento.

Nossas lembranças são preenchidas com a sua imagem de rapaz atlético, carinhoso, amigo e filho querido. Católico, eu continuo encontrando nesse caminho a minha filosofia, mas não posso deixar de registrar, os informes na mensagem de Osmar e as palavras de Francisco Cândido Xavier, das quais presenciei junto com minha esposa, informando-nos dos familiares vivos e mortos, sem que houvesse qualquer comentário sobre eles.

A avó Ana, que minha senhora não conhecia; esclarecida por sua irmã; trata-se da sua bisavó paterna. O agradecimento de Osmar pelas preces da Tia Nena, minha irmã, ainda nesta vida,. Por tudo isso o meu respeito a Francisco Cândido Xavier, com carinho, pois acalmou e tranquilizou-nos, transmitindo-nos muitas esperanças para o futuro.

***Esclarecimentos necessários de pessoas
ou fatos constantes na mensagem.***

PAIS:

Lola Totaro e Victor Totaro

IRMÃO:

Omar Totaro

AVÓS:

Rosália Martins – materna – desencarnada

Rosa Romano Amato – paterna – desencarnada

TIA AVÓ:

Maria Totaro – desencarnada em 1978.

(Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos, para melhor identificação por ocasião da leitura da mensagem do espírito. NOTA DA EDITORA).

**MENSAGEM DE
OSMAR TOTARO**

Querida Mamãe e querido Papai; estou aqui na companhia da nossa amorável tia avó pelo coração Maria Totaro, com o propósito de trazer-lhes algumas notícias. Estou sem dúvida, muito desajeitado, já se vê. Um ambiente não nosso, mas formado de corações fraternos, entre os quais se respira o calor da amizade real...

Devo vencer as minhas próprias inibições e escrever.

Estou a recordar a nossa reunião em casa, ao fundo da loja e a chegada repentina dos infelizes irmãos que nos ameaçaram. Lembro-me de que o sangue me subiu à cabeça e me coloquei na defesa do papai, quando o tiro explodiu e o projétil me alcançou.

Detive-me por momentos, no esforço de me levantar da queda de forças que me quebrantou o ânimo, no entanto, era impossível erguer-me e seguir no encalço dos pobres amigos que nos experimentaram a fé.

Tive alguns momentos de lucidez e dei graças a Deus ao ver que o Papai e Omar estavam livres da agressão. Enquanto me via no centro das aflições gerais, concentrei-me na oração, rogando a Jesus me fizesse aceitar a provação sem revolta e, aos poucos, como que se fez noite para meus olhos, quando estávamos em pleno dia.

Em seguida a isso, minhas energias esmoreceram de todo.

Por fim, o sono, um torpor implacável que me invadiu todo o corpo, a ponto de não conseguir mover um dedo.

Depois, o esquecimento. A memória fugira. Impraticável qualquer esforço para readquirir o domínio da mente agora abatida e desfalecente. Ignoro quanto tempo estive assim, nesse crepúsculo interior, qual se fosse compelido a hibernar de modo incompreensível para mim.

Chegou, porém, o instante em que despertei vagarosamente. Tive a idéia de que um sopro revitalizador me percorria o corpo, da cabeça aos pés. Do projétil nada me restava senão leve dor no local ferido.

Em me reconhecendo reanimado de novas forças indaguei da senhora que me velava o compulsório descanso, sobre o que me ocorrera depois da agressão havida e a generosa enfermeira se me deu a conhecer por tia Maria Totaro e, conquanto aparvalhado, ainda, a presença dela, de certa maneira, me tranqüilizou o espírito e ouvi a descrição de tudo o que ela conseguia reter, porquanto me afirmou que já se achava ao nosso lado, em nossa casa, quando fomos surpreendidos pela invasão de nosso ambiente mais íntimo.

Confesso-lhes que chorei; recordando quanta inquietação e quanto transtorno dera motivo sem querer, em toda nossa família. Mãezinha; sei que quanto é amargo o pranto que lhe verte do sentimento, mas venho pedir-lhe calma e coragem.

O nosso Omar ai se encontra; fazendo mais e melhor do que eu e, de minha parte, encontrarei o caminho para lhes ser útil. Basta que minhas energias se refaçam inteiramente e espero trabalhar em apoio a meu pai, ao meu irmão e também ao seu carinho.

Se lhes posso pedir algo rogo esquecerem os nossos irmãos desventurados que ainda tiveram necessidade de penetrar indebitamente a nossa casa, espalhando o sofrimento e a morte. Jesus enviou-nos o perdão das ofensas e esse perdão abrange as ofensas sejam elas quais forem. Graças a Deus não tive conhecimento pessoal com aqueles que me despojaram do corpo físico e já consigo pensar neles na condição de doentes que se desequilibraram em lamentável momento de excitação.

Mãe querida; estamos em dias novos. Reflita comigo que seu filho está vivo e amando aos queridos pais e ao querido irmão cada vez mais. Ainda que isso lhe custe, peço a mamãe orações não só em meu benefício, mas igualmente em favor daqueles companheiros distantes do bem, para que acordem do pesadelo em que certamente se encontram. Falo assim, porque não creio que os autores da morte de alguém estejam no juízo claro e certo; deve ser criaturas hipnotizadas por forças das trevas que não nos cabe anatomizar.

Mãezinha; eis aí para seu coração, para meu pai e para o Omar as minhas notícias.

Perdoe-me se não pude transmiti-las omitindo as cenas de horror e sofrimento de minha passagem para cá, para a vida nova que estou atravessando, no meio de lugares mais reconfortantes que a tia Maria me recomenda aguardar com paciência. E não chorem; peço-lhes.

Estamos vivos e temos um consolo: não fomos os instrumentos para a desencarnação de ninguém. Que Deus se compadeça de nossos perseguidores gratuitos e se compadeça igualmente de nós. É tudo o que peço agora.

Ao querido pai e ao querido irmão, as minhas lembranças traçadas de agradecimentos que trarei sempre na memória e para a querida mãezinha, deixo nestas linhas o coração saudoso e grato de seu filho, que será sempre mais seu filho, perante a Bondade Infinita de Deus.

Sempre o filho reconhecido.

OSMAR TOTARO

**

"Tive alguns momentos de lucidez e dei Graças a Deus ao ver que o papai e o Omar estavam livres da agressão".

OSMAR TOTARO.

**

AGRADECIMENTOS

Sobre a mensagem recebida em 31.03.1984, em reunião pública, pelo médium Francisco Cândido Xavier, em Uberaba, tivemos o maior respeito, admiração, tranqüilidade com o pensamento em Deus e certeza de uma vida mais confiante Nele, o que nos fez compreender a divina mensagem recebida por Francisco Cândido Xavier, de que a vida continua e, tanto aqui, quanto lá, desce sobre nós a misericórdia divina.

É preciso fazermos força e aceitarmos a força que se nos oferece...

LOLA VALIENTE TOTARO

VICTOR TOTARO.

**

Da Obra "*AMOR E SAUDADE*" –*AUTORES*: ESPÍRITOS DIVERSOS –
Psicografia: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/ Rubens Silvio Germinhasi
Digitado por: Lúcia Aydir.

TANIA MAZZEO

Nascimento: 28.07.1956

Desencarnação: 04.10.1980

Alegre, descontraída, inteligente, Tania Mazzeo; desprendida de conceitos que martirizam na grande maioria os filhos para aproximarem-se do convívio dos pais, revelava com muita naturalidade sua presença perante os seus não como filha, mas como amiga.

Moça de muitos predicados, recatada, passava a maior parte do tempo escorada na garantia de seu lar. Dividia sua atenção entre os afazeres das obrigações escolares e nas poucas amizades que a falta de tempo dificultava a amplia-las.

Aos quatro anos de idade principiara no maternal infantil do Colégio Nossa Senhora Menina, até o 1º grau. No Colégio São José, completara o colegial.

Desenvolvia com muita propriedade trabalhos manuais pela experiência no Instituto Musical de São Paulo, onde cursara integralmente até a formatura a música através do piano, completando nesse mesmo instituto cursos de pintura e desenhos.

Professora; possuía instrução universitária e, vários atestados de Conservatórios Musicais, tais como:

Do Instituto Musical de São Paulo, Seminário de Folclore, Turismo e Comunicação.

Participou do curso Internacional de Música do Paraná.

Do Ministério da Educação e Cultura, especialização de música folclórica.

Tania adquiriu pelo esforço, a simpatia dos familiares que a respeitavam e a amavam pela sua integridade profissional e moral.

Com seu irmão Carlos Eduardo Mazzeo; relacionava-se como se fossem dois namorados. Sempre disposta, gostava de festividades em que estivesse um grande número de pessoas. Sentia-se feliz em vê-las agrupadas, divertindo-se.

Namorou e chega próximo ao casamento. Os pais, felizes, motivados pelo noivado, adquirem um apartamento para moradia da dócil criatura.

Discutiam pequenos detalhes como, escolha de cores de azulejos, pintura e outros mais.

Nessa noite próxima do enlace, conversavam da separação que se daria em breves dias. Tania dirige-se ao seu quarto para o sono da noite. Levantaria muito cedo na manhã seguinte, o que não aconteceu.

Partiu da Terra sem qualquer resquício de sofrimento. Dormiu para não mais acordar.

Desesperados; seus pais; procuram com intensidade Francisco Cândido Xavier. Diversas viagens foram feitas a Uberaba, MG e, para surpresa e felicidade, Tania traz a sua saudade nas expressões que se fazem alegrias, através das lágrimas do amor que há muito aguardava para despencar dos olhos do coração, como gotas de esperança aos familiares desejosos de suas notícias.

**Esclarecimentos necessários de pessoas
ou fatos constantes na mensagem.**

PAIS:

Wanilda Silva Mazzeo e Archimedes Victor Mazzeo

AVÓ:

Marieta Valério – materna

Desencarnada em 14.10.1975.

NOIVO:

Mário Luiz de Mello

PADRINHO DE BATISMO:

Américo Jesus Costa

AMIGA DA FAMÍLIA:

Yolanda Cezar.

(Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos, para melhor identificação por ocasião da leitura da mensagem do espírito. NOTA DA EDITORA).

**MENSAGEM DE
TANIA MAZZEO**

Querida mãezinha Wanilda; abençoe-me.

Passa o tempo, mas não passa o amor. E o amor entre nós é uma força bendita que nos sustenta em serviço de almas unidas para os mesmos objetivos.

É interessante para eu pensar que voltei para cá em pleno repouso do sono e acordei quase que ao seu lado, porque não me seria possível arreda-la do pensamento. O padrinho Américo está em minha companhia e pode testemunhar o que digo.

Achávamo-nos plenamente identificadas umas com a outra para que a separação se fizesse sentir de todo. É verdade que, embora o noivo tão querido, conquanto o papai Archimedes e o Carlos Eduardo, sempre em minha lembrança afetuosa; foi unicamente em seu amparo que me escorei para vencer as lágrimas da inadaptação.

Não sei como expressar ao seu carinho quanto lhe devo à dedicação, mas a Divina Providência cuja contabilidade não falha; saberá retribuir-lhe quanto venho recebendo, desde a vida física, de seu devotamento.

A vovó Marietta e eu estamos associadas ao gênero de esforço que o seu carinho escolheu para vencer as sombras. Esse esforço é o trabalho, no qual as suas mãos e o seu coração se desdobram sem medidas a fim de atender aos desígnios de Deus, sem perguntar pelas razões do sofrimento. Saiba que me comovo e edifico, ao vê-la agindo sem pausa no trabalho, em apoio aos nossos irmãos mais necessitados do que nós mesmos. Somos com a nossa Yolanda, uma colméia de operárias que não se descuidam das responsabilidades que abraçamos.

Mamãe Wanilda; esses longos períodos de aparente separação que a morte do corpo material nos impõe são ocasiões benditas para servir mais, fazendo mais pelos semelhantes, sem interpormos o nosso egoísmo nas realizações em andamento. De início sofri bastante em me sentido repentinamente despojada do instrumento físico, entretanto, com o seu auxílio, passei à própria reconstituição de minha alegria. Não me preparara suficientemente para retornar à Vida Espiritual e, permanecer quase constantemente em família, era um imperativo de que não poderia fugir.

Notei, porém, que após chorarmos juntas, o seu espírito de iniciativa vencia aquela angústia em que nos paralisávamos e entrei no seu campo de atividade, à feição do doente que encontra o remédio adequado à própria cura, e continuo até agora, com mais tempo em sua companhia, aprendendo a esquecer-me para ser útil.

Muito grata por todas as suas lições de resistência e de bondade elegendo na ação criativa o clima ideal para a nossa melhoria e aproveitamento.

Agora que temos um santuário, todo ele consagrado ao serviço, prossigamos firmes, ao encontro de nós mesmos em novo nível.

Mãezinha; agradeça por mim ao papai Archimedes e ao prezado irmão todos os pensamentos de paz e amor que me enviam. O propósito de escrever-lhe mais amiúde está sempre vivo em minha alma, entretanto, as circunstâncias nem sempre nos favorecem. Ora é preciso cooperar na vaga para um filho doente, que precisa comunicar-se com o carinho materno, ora é um obstáculo natural no intercâmbio.

Rogo-lhe continuar em seu roteiro de obediência ao trabalho que tem sido o seu pão espiritual de cada dia. Querida mãezinha Wanilda; não tenho outro campo a cultivar senão este – prosseguiremos juntas na mesma obra de redenção. Servir agindo sempre tem sido a sua norma de atividade e até mesmo o seu refúgio para olvidar as sombras da vida humana e compreende-las.

Deus aumente a sua coragem e abençoe as suas lutas das quais desabrocha a paz de muita gente. Espero não me seja tão demorada a próxima vinda para doar-lhe o meu coração em forma de notícias.

Tenho feito o possível pelas melhoras do nosso Mário e esposa no que ele continue generoso amigo abnegado e fiel.

Querida Mãezinha Wanilda; meus parabéns por tudo que você vem realizando nas boas obras. Que Jesus lhe favoreça o coração carinhoso em auxílio de nossas crianças, é o desejo da filha que lhe pede abraçar o papai Archimedes e o meu querido irmão, ao mesmo tempo em que lhe entrego uma braçada de rosas, da sua filha sempre sua.

TANIA

**

"Mamãe..."

"Deus aumente a sua coragem e abençoe as suas lutas das quais desabrocha a paz de muita gente".

TANIA MAZZEO

**

AGRADECIMENTOS

Deus me deu muitas alegrias, meus pais, esposo e filhos, mas nunca eu poderia imaginar, que na dor da perda de minha filha pudesse encontrar alegrias, como as que tiveram ao conhecer o Chico Xavier, e nas mensagens de Tania reconfortando-nos para o trabalho da caridade.

WANILDA e Família.

**

Da Obra "AMOR E SAUDADE" –AUTORES: ESPÍRITOS DIVERSOS –
Psicografia: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/ Rubens Silvio Germinhasi
Digitado por: Lúcia Aydir.

WLADIMIR CEZAR RANIERI

Nascimento: 23.05.1956

Desencarnação: 12.05.1981

Wladimir, jovem inteligente, da família Francisco Ranieri e Dalva Zanchetta Ranieri, nasceu neste lar em que sua mãe nos seus primórdios, com mediunidade de desdobramento, identificava-se em vários estágios de vidas passadas espirituais. Uma menina que mal começava a vida defrontava-se com estes fenômenos. Citava fatos que a posterior aconteciam. Sua mãe, D. Dolores de Campos Zanchetta, de princípios católicos, levou-a a Igreja para identificar os fatos. Teve como resposta: o que acontecia estava além da compreensão humana.

Wladimir cresceu com a orientação evangélica espírita, demonstrada em diversas preces escritas por esse moço, de moral elevada, sem preconceitos e que gostava de se expressar na pintura. Visava no semelhante caído a oportunidade da palavra amiga.

Rebuscando os seus pertences, D. Dalva, a nosso pedido, nos forneceu um pequeno trecho de um dos seus apontamentos:

"Mestre, faz com que eu seja digno de Ti.

Que em Teu caminho eu possa viver e amar.

Amar certo para que o infinito de nossas almas torne-se o Universo...

Mestre, que no encontro de minha alma com Seu amor, possa eu estar tão calmo e confiante de todo aquele amor que perei na minha vida por Ti "".

Os conflitos que carregamos na alma; preciso é antes, escorarmos o espírito na prece. Canal evidente de socorro que canalizará em favor do suplicante o esclarecimento necessário para sua aflição.

Wladimir deixou a Terra num gesto de infelicidade. Disparou um tiro de revólver contra o peito. Reconheceu no seu gesto infeliz estar envolvido em hipnose por parte de criaturas espirituais e entende sua responsabilidade, considerada pelo livre arbítrio.

Indiscutivelmente, a caridade quando feita em atos inconscientes ou não, é representada como força geradora do bem em favor do doador. No gesto caritativo, Wladimir pôde sentir a extensão da prece agradecida. Apesar de dizer nada ter feito aos semelhantes, o que sua mãe contradiz, sempre esteve presente ao carente com a palavra confortadora, como bálsamo renovador.

Motivado pelo sucesso do transplante de córnea em seu irmão Wagner; doou a sua córnea, que o fez merecedor da caridade espiritual, quando diz que: *"... As preces de uma pessoa que se beneficiara com a córnea que doei ao Banco de Olhos se haviam transformado para mim num pequeno tampão que, colocado sobre o meu peito no lugar que o projétil atingira, fez cessar o fluxo do sangue imediatamente".*

A misericórdia de Deus se fez reconhecer no momento exato das necessidades que torna o espírito carecedor, reconhecido do bem que houvera feito. A família Ranieri, nas indagações de si mesma, encontra na mensagem consoladora a explicação, o sentimento real de Wladimir, expondo-se com o reconhecimento de sua situação. Admite que os irmãos com problemas semelhantes aos deles se reconhecem presos sem algemas e sem cárcere, porque ninguém foge de si mesmo.

***Esclarecimentos necessários de pessoas
ou fatos constantes na mensagem.***

PAIS:

Dalva Zanchetta Ranieri e Francisco Ranieri

IRMÃOS:

Wagner Francisco Ranieri

Wanderley Rafael Ranieri

Valéria Terezinha Ranieri

Wallace Atílio Ranieri

BISAVÓ:

Verônica Batistini Zanchetta – paterna

Mãe do avô de Wladimir.

(Antecipamos os nomes de pessoas ou fatos, para melhor identificação por ocasião da leitura da mensagem do espírito. NOTA DA EDITORA).

**MENSAGEM DE
WLADIMIR CEZAR RANIERI**

Querida Mamãe Dalva e querido papai Francisco; peço-lhes me perdoem; abençoando-me como sou, em meus resgates do gesto infeliz daquela ter-feira de desequilíbrio, em que me entreguei ao pior que me poderia acontecer.

Mãe querida; não se sinta culpada em lembrança alguma. A sua voz apenas me convidava ao trabalho junto de meu pai, na mais santa das intenções. Não creia que eu tivesse ouvido qualquer acusação de preguiça na modulação de sua palavra. O que se verificou foi a hipnose por parte de criaturas desencarnadas que me seguiam e junto das quais não me furto às responsabilidades do meu gesto infeliz.

A minha vontade era uma alavanca de Deus em minhas mãos.

Poderia facilmente escutar os convites injustos e rechaça-los com o meu livre arbítrio, mas a minha fraqueza foi o que me perdeu. Reconstituirei o nosso quadro de maio para que os pais queridos se reconheçam totalmente livres de culpa.

O Wagner estava impossibilitado de agir com mais vigor, em vista do tratamento e porque a Mãezinha Dalva me soubesse disponível, acercou-se de mim e pediu-me para que fosse auxiliar ao papai.

Senti que realmente aquilo era obrigação minha. Levantei-me mal-humorado, ao refletir, que andava sem serviço certo e muito longe de melindrar-me com a solicitação da Mamãe, segui para o serviço. Idéias lamentáveis pareciam maribondos em meu cérebro, sugerindo-me pusesse termo à existência de rapaz errante, em busca de um emprego que não aparecia.

Deixei-me invadir por aqueles pensamentos amargos, quando me falaram de almoço. Antes que me retirasse do trabalho, alvejei o meu próprio coração com um tiro certo. Lembro-me de que o papai correu para mim estirado no piso e, na suposição de que me faria viver, fez a respiração boca-a-boca, recebendo o meu próprio sangue que lhe atingiu a garganta.

Arrependi-me de tanto mal praticado contra mim, no entanto era tarde.

Aquele gesto de meu pai me mostrava quanto amor dispunha eu no coração de meu pai e de minha mãe, porém foi em vão que desejei levantar os braços para se rum menino de novo naquele colo paternal de homem bom que não vacilava em

livrar-me de qualquer sufocação, trazendo para a boca que me beijara, tantas vezes em criança, o sangue do filho crescido que se fizera ingrato perante aqueles que mais me queriam na Terra.

Sei que entrei num pesadelo em que via o meu próprio sangue a rolar do peito como se aquele filete rubro não tivesse recursos de terminar. Despertei num hospital, onde me encontro até agora, em tratamento e sou trazido pela vovó Verônica que se compadeceu de mim, de mim que me ajoelho em espírito diante de Mãezinha Dalva para rogar-lhe o perdão que não mereço. Queridos pais; rogo me desculpem e viver muito, sempre tranquilos, embora a saudade se interponha agora entre nós à feição de uma sentinela do meu arrependimento.

O suicida é um detento sem grades.

Admito que os irmãos com problemas semelhantes aos meus se reconhecem presos sem algemas e sem cárcere, porque ninguém foge de si mesmo.

Peço-lhes para que vivam, porque no Wagner, o Wallace, a Valéria e o Wanderley; sou amado ainda.

Graças a Deus, melhorei da hemorragia incessante que me enlouquecia. Depois de algumas semanas de aflição, um médico apareceu com uma boa nova.

Ele disse que as preces de uma pessoa que se beneficiara com a córnea que doei ao Banco de Olhos se haviam transformado para mim num pequeno tampão que, colocado sobre o meu peito no lugar que o projétil atingira, fez cessar o fluxo do sangue imediatamente. Eu, que não fizera bem aos outros, que me omiti sempre na hora de servir, compreendi que o bem mesmo feito involuntariamente por uma pessoa morta é capaz de revigorar-nos as forças da existência.

Com essas lições vou seguindo à frente e coma proteção de Deus e a bênção dos pais queridos espero vencer-me; vencendo as dificuldades que me cercam para ser o filho e o irmão, o amigo e o companheiro que devo ser.

Aqui termino agradecendo-lhes tudo o que fizeram a meu favor e desejando-lhes a felicidade que bem merecem. Quanto ao filho triste que ainda sou; reconheço que o Sol cobre a todos, em nome de Deus. Haverá um outro dia também para mim.

Surgirão outras horas em me lembrarem sempre com o amor que não fiz por merecer e prometo que não mais serei cego para o amor com que tenho sido amado e com o qual arrancará de mim mesmo para que, um dia eu lhes possa trazer a alegria e o reconhecimento do filho feliz que já começa a ser.

Muito carinho e esperança do filho que apesar de sofredor; continua sendo muito grato.

WLADIMIR.

**

"O suicida é um detento sem grades".

Admito que os irmãos com problemas semelhantes aos meus se reconhecem presos sem algemas e sem cárcere, porque ninguém foge de si mesmo "".

WALDIMIR CEZAR RANIERI.

**

AGRADECIMENTOS

Chico.

A nossa gratidão eterna pelas orações constantes que fazer a os, tristes mães esperançosas, que vivem na imensa saudade dos filhos abençoados que partiram

para o além e grandemente agradecidos, compartilham deste elo de Amor, que nas mensagens benditas se tornam também seus filhos e não te esquecem, jamais.

Família Ranieri

**

Da Obra "AMOR E SAUDADE" –AUTORES: ESPÍRITOS DIVERSOS –
Psicografia: FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/ Rubens Silvio Germinhasi
Digitado por: Lúcia Aydir.

**Criar planos de serviço para quem nos acompanha
no roteiro de cada dia é dever,
mas, trabalhar nós mesmos com o nosso suor
e com as nossas mãos é caridade.**

Emmanuel